ABEL GOMES

A Felicidade

LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO
AV. PASSOS, 30 — RIO

Francisco Candido Xavier

Novas Mensagens

Ditado pelo Espirito de Humberto de Campos.

Ler as «Novas Mensagens» é inundar a Alma de luz espiritual.

A 1ª edição deste livro, aparecida em 28 de Dezembro de 1939, estava esgotada — sessenta dias depois, e, precisamente, a 28 de Fevereiro de 1940, surgiu a 2ª edição.

Isso mostra o sucesso do livro, vitorioso pela beleza irresistivel do seu texto e pela verdade do estilo inconfundivel, inimitavel, e facilmente identificado por aqueles que o conheceram quando o grande literato vivo na Terra.

Quem o lê, sente-se transportado a uma região de sonho e encantamento, tal a verdade intuitiva desse livro, tão imortal quanto o Espirito que o ditou.

Br. 4$000; enc. 6$000.

Aldana Augusta de Souza Pinno.

A Felicidade

frases e palavras desconexas, balbuciava ás vezes: "Meu pai!... Marieta!..." E caía de novo em profunda sonolencia.

Era Alberto aquele enfermo.

III

NAS TREVAS

Mais de um mez decorrera após a tempestade.

Os predios tinham sido reparados e já se notavam no lugar diversas casas envidraçadas e pintadas. Um novo animo triunfara do abatimento em que a catastrofe havia atirado os habitantes de Nova Aliança, que tomava aspecto inteiramente novo.

Não houvera desastres pessoais de importancia, além do de Alberto. Os feridos, quasi todos, mesmo na tarde da chuva de pedras, tinham prestado auxilio aos que procuravam abrigo para as familias, estabelecendo tectos provisorios. Dentro em pouco ficaram restabelecidos. Quanto a Alberto, porém, poucas

eram as esperanças de cura. Continuava de cama, palido, abatido, olhos cerrados e semblante triste.

E' noite; um lampeão de querozene, pendente do této, ilumina o aposento, com um tapa-luz de aluminio a preservar o enfermo dos raios diretos do fóco luminoso.

Muito proximo do leito, junto á pequena mesa, um homem de meia idade, forte e alto, em cuja fronte apareciam as primeiras cãs, está assentado numa cadeira, com a barba apoiada sobre um das mãos, parecendo entregue a meditação profunda, e uma joven formosa, modestamente vestida, ocupa outra cadeira, no angulo oposto do quarto. Parece ocultar o pranto com o livro que simula lêr

O homem é o pai de Alberto; a joven é Marieta, sua noiva.

No interior da casa, duas senhoras ainda moças, auxiliadas por uma criadinha, se ocupam dos trabalhos domesticos: são as duas irmãs de Alberto, que vieram para a casa paterna, deixando por algum tempo suas respectivas moradas, afim de se dedicarem ao tratamento do irmão.

Termina essa noite o prazo pedido pelo medico para um juizo definitivo sobre o caso

e a palavra do homem da ciencia é esperada com temor.

— O doutor — anunciou, chegando á porta, uma das irmãs de Alberto.

Momentos depois, penetra no aposento o medico. Já entrado em anos, de fisionomia simpatica, conquistara desde muito a amizade e a confiança de toda a população do lugar e adjacencias, como homem inteligente e instruido e como verdadeiro sacerdote, que sabia ser, da medicina.

Diplomado havia trinta anos e residindo desde então num pequeno distrito do interior, o dr. João Alves, ao contrario do que fazem numerosos colegas seus, acompanhava o evoluir da ciencia e nada lhe era estranho de quanto sucedia, digno de nota, nas investigações medico-cirurgicas dos grandes hospitais e das academias importantes.

Enquanto outros se deixam aniquilar pouco a pouco, quer no bulicio das grandes cidades, entretidos em divertimentos variados, quer nos povoados do interior, perdendo o tempo em palestras frivolas e comumente prejudiciais, o dr. João Alves continúa a aproveitar as noites, como os dias, sempre que seus serviços clinicos ou seus deveres de chefe de familia

o permitem, para dedicar algumas horas ao estudo da sua ciencia, conservando assim e aumentando o seu cabedal cientifico, e á leitura de boas obras literarias, mantendo-se dessa forma em contacto sempre com a antiga e a nova gerações de intelectuais de nossa terra.

Suas opiniões eram acatadas em toda a zona e os colegas seus vizinhos, nos casos que exigiam maior cuidado e talento, costumavam abrigar-se sob a autoridade dos seus pareceres.

Para o tratamento dos doentes favorecidos pela fortuna, era ele sempre chamado; mas, para o dos enfermos pobres, nem sempre o era, porque comparecia espontanea e prontamente, sem chamado algum. Esforçava-se pela cura, sem levar em consideração se o enfermo era capitalista ou mendigo, se um companheiro de opiniões ou um adversario.

Na noite de que falo, depois de longo e consciencioso exame e de demoradas ponderações feitas a um distinto farmaceutico, o bondoso facultativo retirou-se, preocupado e abatido, do quarto de Alberto, seguido pelo pai deste e por Marieta.

Reunidos na sala, o medico, o farmaceutico e as pessoas da familia do sr. Bernardino,

todos aguardaram em silencio, durante algum tempo, a ultima palavra da ciencia.

O dr. João Alves teve um gesto de contrariedade e se conservava ainda silencioso, fitando o solo, quando o sr. Bernardino, disse:

— Vejo, sr. doutor, que meu filho morre. E ele seria o meu consolo na adversidade e o meu amparo na velhice...

— Não é a morte de seu filho o que o amigo tem de lamentar — respondeu o medico. Ele não sucumbirá; ao contrario, estará de pé dentro de poucos dias. Prepare-se, entretanto, para receber uma comunicação muito triste, de uma infelicidade que parece maior do que a passagem para outra vida.

— Haverá para mim desdita maior do que perder meu filho?!

— Assim parece — confirmou o medico.

E, depois de alguns minutos de dolorosa espectativa por parte de todas as pessoas da familia e de alguns amigos presentes, o dr. João Alves, contrariado e triste, fez afinal a sua declaração.

O enfermo não sucumbiria, pois a sua mocidade e a sua robustez, com o amparo de Deus e os auxilios da ciencia, triunfavam da perigosa molestia, oriunda do desastre, do fe-

rimento recebido após a refeição da tarde, no dia da chuva de pedras, e do resfriado que apanhara quando, tendo acabado o seu labor, com a fronte ainda banhada de suor, se molhara á chuva. Não sucumbiria, mas, de então em diante, não poderia, nunca mais, contemplar as belezas que nos rodeiam, pois seus olhos não tinham podido resistir a todas essas enfermidades.

Alberto estava cégo.

IV

POLEMICA

Corria o mez de Junho, a epoca mais fria do ano. Eram oito horas da manhã e o sol ainda não se fizera visivel.

Aqui e ali, formavam-se grupos de pessoas á espera do calor do astro-rei: — algumas senhoras em palestra, alguns comerciantes que na ocasião não tinham freguezes, alguns operarios que no dia não tinham trabalho e não poucos meninos descalços e travessos, a brincar e correr.

A' porta de uma casa, assentados, dois homens conversavam animadamente. Um era Alberto, o moço que poucos mezes antes perdera a vista, e o outro era o padre Armando, vigario de Nova Aliança.

Alberto não parecia o mesmo joven que conhecêmos alguns mezes antes. Procurava passar os dias quasi a sós, sempre em profunda meditação. Quando entre visitas, falava pouco. Seu rosto se tornara mais fino e um pouco palido e não raro deixava perceber vestigios de lagrimas recentes.

— Foi uma desgraça — repetia ás vezes o dr. João Alves, o rapaz tinho o corpo em fogo. Vinha da ferraria banhado de suor, quando desceu a chuva de pedras, quebrando todo o telhado e molhando-o completamente. E ainda lhe caiu em cima aquela parede. Além de ferido, apanhou um resfriado terrivel.

A convalescença fôra rapida. Cincoenta dias depois do desastre, estava ele inteiramente restabelecido, embora irremediavelmente cégo.

Desde então, saia de casa todos os dias, guiando-se com uma bengala, e dirigia-se de preferencia aos lugares mais ermos, onde o pranto corre mais livre, e aí ficava durante horas. Outras vezes, nos dias frios, cujas manhãs nebulosas, no campo de Minas, trazem em si mesmas uma vaga tristeza que nos enche a alma de um frio doutra especie, o pobre cégo se assentava junto á porta de sua casa, onde diversos amigos o procuravam.

Na manhã em que nos achamos, no curso desta veridica narração, em que apenas ha nomes trocados, dialogava Alberto com o padre Armando, sacerdote ainda moço, que tomara conta da paroquia um ano antes, em substituição de um colega, que ali se tornara malquisto enormemente, pela sua intolerancia, pelas suas descabidas exigencias e falta absoluta de cultivo.

O novo vigario de Nova Aliança, inteligente e modesto, era um desses hoje raros profissionais da religião que sabem compreender o seu ministerio.

— Meu amigo — dizia o padre — tudo quanto Deus faz é indiscutivelmente bom. Tirou-te a luz dos olhos: cumpre que te resignes a essa infelicidade. O teu abatimento e as tuas lagrimas são uma especie de revolta contra a deliberação de Deus.

— Estou resignado. Não creio, entretanto, que fosse Deus quem me tirou a vista. Creio que fui eu proprio, com os meus erros, num passado longinquo, o causador unico desse mal. Ao contrario disso, nada compreendo...

— Nem é necessario que compreendas coisa alguma desse assunto. Preciso é somente que nos conservemos sempre submissos á igreja,

depositaria da verdadeira fé, e essa é a Igreja Catolica Apostolica Romana, sucessora de Jesus. Como disse o santo prelado de Mariana, d. Antonio Corrêa de Sá e Benevides, em seu *Catecismo da Doutrina Cristã,* o nosso dever é crer de olhos fechados *o que Deus disse* (1) e a igreja ensina. Não nos é permitido cogitar das possibilidades ou impossibilidades deste ou daquele ponto de fé, pois todos estão definidos, e cometemos erro gravissimo quando duvidamos de qualquer doutrina dessa unica igreja verdadeira.

— Deus teria então errado, dando-nos a faculdade de pensar?

— Não — respondeu o vigario. Deus nos deu a inteligencia para o amar e servir; mas devemos considerar justos e sabios todos os dogmas da igreja catolica, que é a de Jesus, e acatar conscienciosamente todas as suas práticas.

— Não posso crer nos dogmas — disse Alberto. — Desde que me restabeleci, embora perdendo a vista, meu pai, para me entreter e consolar, adquiriu numerosos livros, cuja leitura me tem feito em voz alta. Entre esses

(1) O grifo é do autor.

livros, vieram, devido á obsequiosidade de um grande amigo seu, alguns que muito me têm instruido, com grande surpresa minha, sobre o porque desta vida e a certeza nas vidas futuras, fazendo-me descrer dos dogmas, das preces pagas e de muitas outras coisas que para mim tinham valor enorme, e levando-me a adquirir uma crença firme, baseada no raciocinio e na experiencia e alicerçada na justiça e na bondade infinitas de Deus.

— E que livros são esses? — interrogou o sacerdote.

— São diversos e de varios autores; mas, dentre todos eles, o que mais impressão me causou foi a importante obra *Depois da Morte*, de Léon Denis.

— Ah! meu amigo! Esses livros foram a tua perdição. Deixa essas teorias e volta para o seio da santa igreja de Roma. E' muito feliz quem crê nos ensinamentos da igreja catolica e vive sempre em graça pela purificação no tribunal da penitencia, pois terá abertas as portas do céu, onde uma felicidade eterna o aguarda depois desta vida. Lá contemplará a face de Deus, por todos os seculos, e viverá rodeado de santos e anjos. Será deleitado por

musicas celestes, pelos córos de querubins e serafins e...

— Sim, sr. padre, tudo isso é muito bonito; mas, eu, por exemplo, que fiz para merecer tão grande ventura? Se receber essa recompensa no fim de dois ou tres mil anos de trabalhos, ainda estarei pago em demasia.

— Sendo um bom catolico — retorquiu o vigario — merecerás essa felicidade. Ouvindo as missas e indo á confissão, estarás sempre em graça, livre de qualquer culpa, como estavas no dia em que foste batisado, pois a confissão lava todas as culpas e anula todos os crimes, por mais hediondos que sejam.

— Porém, Jesus não declarou que cada um será recompensado ou punido conforme suas obras?

— Sim — explicou o padre — e é de acordo com esse ensinamento que serás admitido á presença de Deus, porque, se seguires as lições da igreja catolica, as tuas obras te levarão ao paraiso.

— Entretanto, quando o Cristo viveu no nosso mundo, ainda não existia a igreja catolica... E, antes da vinda do Cristo, durante os milhares de anos anteriores, para onde foram as almas dos falecidos, se não havia sacerdotes catolicos para lhes perdoar os pecados? Não, sr. padre, nós não nos salvaremos pela submissão aos padres e nem somente pela fé; progrediremos pelos seculos futuros e, mais tarde, alcançaremos a felicidade completa, mas pelos nossos esforços, pelas nossas obras e, principalmente, pela caridade com que tivermos tratado os nossos irmãos.

— Onde aprendeste tanta coisa? — interrogou o padre. — Heresias...

— Uma prova — continuou Alberto, está no que Jesus nos deixou declarado, quanto ao julgamento. Ele dirá aos da direita: — "Vinde, benditos, para o reino do céu, que vos está aparelhado; porque tive fome e me alimentastes, tive sêde e me déstes de beber, estive nú e me vestistes, fui peregrino e me recolhestes, estive enfermo e estive encarcerado e me visitastes." E explicará ainda: "Porque, todas as vezes que isso fizestes ao menor dos vossos irmãos, foi a mim que o fizestes."

— Mas, o certo — disse o padre Armando — é que alcançarás a salvação, não pelas tuas obras, nem pelos teus sofrimentos, porquanto para isso o prazo é relativamente curto; te-laás apenas pela tua sumissão á igreja catolica.

— E quem mo garante? — interrogou Alberto.

— A mesma Igreja Catolica, cujo chefe visivel é o papa, representado em todo o globo catolico pelos sacerdotes, sejam eles altos titulares do clero, ou simples curas de aldeia.

— Desculpe-me não o crer, sr. padre..

V

DOUTRINANDO

Alberto e o padre Armando, chamados para a refeição da manhã, separaram-se, deixando em meio a discussão, que ao primeiro desagradava, tanto quanto ao segundo estimulava e inspirava curiosidade.

Ao anoitecer, porém, encetaram nova palestra, na sala de visitas do sr. Bernardino, com apartes deste e de mais dois amigos presentes.

O frio era intenso. Cerradas a porta e as janelas, grande fogareiro de ferro, com quatro rodas, foi impelido para a sala, que se encheu sem demora de suave calor.

Ao padre Armando não faltava vontade de reconduzir Alberto ao gremio catolico. Era

uma ovelha desgarrada, que ele, pastor, queria fazer voltar ao aprisco...

Em geral, nos lugares onde a civilização pouco tem conseguido, ou, melhor, entre pessoas incultas, consideram-se ceticos, descrentes, ateus, materialistas, todos os individuos que não comparecem aos atos da religião catolica que, para tais pessoas, é a unica religião existente no mundo. Alberto era, pois, um desses supostos descrentes e o vigario, desejando reconduzi-lo á igreja romana, pretendia sanear o seu rebanho, forra-lo ás infelizes idéias do seculo. Pessoas ha, e até cultas, e até portadoras de titulos cientificos e literarios, mas inteiramente ignorantes quanto á religião, que chegam a imaginar que os verdadeiros ou supostos adversarios da religião catolica, isto é, os que não se confessam, não vão á missa, não acompanham procissões, não beijam santos artificiais, etc., são individuos capazes de todas as baixezas, de todos os crimes repelentes.

Que a esses pobres cégos, escravos incondicionais do romanismo, Deus, em sua infinita bondade, perdoe, como nós, os livre-pensadores, que tudo estudamos quanto a religiões, lhes temos perdoado e continuaremos a perdoar,

por maior que seja o mal que eles nos desejem e procurem fazer.

E' sabido quanto o povo do interior, principalmente dos lugares pequenos, estima e respeita os sacerdotes catolicos, que para esse mesmo povo, crente e sincero, são os unicos intermediarios entre Deus e a humanidade. O aparecimento de um daqueles supostos ateus, ou pseudo-inimigos da *religião* (como se o catolicismo fosse a unica crença no mundo) é tão temido pelos simples, como o é, nas proximidades de um redil de ovelhas, o aparecimento de um lobo.

Desse terror, verdadeiro entre os que se acham dominados pelos padres romanos, falsamente compartilham pessoas de maior representação e, mais hipocritamente ainda, os intimos do padre — pois, geralmente, os ataques exaltados e sem compostura dos sacerdotes romanos a profitentes de outras crenças não provêm de padres brasileiros: partem de estrangeiros e duplamente estrangeiros, porque, além de serem súditos do Vaticano, vieram de outras terras insultar o país generoso que os acolhe e o povo cheio de bondade que os enriquece.

Assim, os catolicos, ás vezes, nos seus

templos, em frente de seus altares e nas horas em que os seus sacerdotes — pouquissimos e quasi todos estrangeiros — vão "converter o pão em corpo, sangue, alma e divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo", assistem a insultos cheios de odio, impregnados de despeito e de fel, dirigidos por esses padres, em brados temerosos, contra os filiados a outros credos. De envolta com esses insultos, são comuns as mentiras mais deshumanas e as mais clamorosas calunias.

Foi o que na freguezia de Nova Aliança sucedera, cerca de um ano antes, quando ali era pároco um desses falsos representantes de Deus.

Com o padre Armando, porém, bondoso e culto, tal não acontecia. Ele combatia as outras crenças, mas sempre em termos delicados e comedidos e nunca insultava a quem quer que fosse.

Porém, voltemos á narração, toda baseada em factos verdadeiros, que apresentamos aos leitores muito resumida, como obra literaria.

Na modesta sala do sr. Bernardino e ao suave calor produzido pelo fogareiro, naquela fria noite de junho, o padre Armando e Alberto

continuavam a sua interrompida palestra, durante a qual foram feitas as ponderações constantes do capitulo anterior a este e muitas outras mais que a fé cristã não permite sejam lembradas, mas todas calmamente ouvidas e discutidas com urbanidade pelos presentes.

— Infelizmente — dizia o padre Armando — ha alguns colegas meus que não compreendem a sua missão e não se compenetram jamais de que são sacerdotes de uma religião que apresenta Jesus, todo bondade e amor, como seu fundador. Eles se julgam possuidores de um poder tão grande como o do mesmo Jesus.

— Não, sr. padre — interrompeu o moço cégo — eles querem fazer crer ao povo simples que o poder de que dispõem é maior do que o do Cristo. Jesus sempre abençoava e benzeu até o pão que o discipulo traidor ia comer; alguns padres romanos amaldiçoam os seus desafetos pessoais ou religiosos e, do altar e do pulpito, em retumbantes brados, pedem raios para essas cabeças de *renegados*, pedem a morte para os mais velhos e doentes (convocando o diabo para a condução de suas almas), o desemprego e a falta absoluta de trabalho para pais de familia, a inimizade en-

Abel Gomes
POETA E PROSADOR. FERVOROSO ADEPTO DO ESPIRITISMO E DO ESPERANTO

A Felicidade

NOVELA ESPIRITA E

Poesias

DE CUNHO DOUTRINARIO

1940
Livraria da Federação Espirita Brasileira
Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro — Brasil

tre estas, a miseria, a nudez, a fome, para pobres e infelizes criancinhas...

Alberto levantou-se. Exaltara-se ao falar. O sr. Bernardino procurava acalma-lo e o padre balbuciava palavras de censura ao seu antecessor.

— Ouvi, não ha muito, a um sacerdote — continuou Alberto — que um padre merece mais respeito do que a Santissima Mãe de Jesus! E, para prova, narrou que um profeta ou vidente viu um anjo do Senhor, ao passar diante da Virgem Maria, inclinar a cabeça numa saudação e, pouco adiante, passando em frente de um padre romano, dobrar reverente o joelho. E o orador assim explica os motivos: é porque a Santissima Virgem teve Jesus em seu sagrado ventre apenas nove mezes e um padre tem Jesus em suas mãos todos os dias... Contando-o a meu pai, disse-me ele ter ouvido a mesma narração trinta anos antes, de outro sacerdote, no mesmo pulpito.

— Esqueçamos essas coisas — disse o padre Armando — e perdoem, todos os meus amigos por eles ofendidos, ou insultados, ou caluniados, a esses pobres transviados do caminho reto do Senhor. São loucos a seu modo e máus elementos da sociedade os sacerdotes

que assim se deixam dominar pelo odio, pelo rancor.

— E eles nos chamam de loucos — disse o sr. Bernardino.

— Perdoem, perdoem tudo isso — interrompeu o padre Armando — e voltemos ao ponto principal da nossa palestra. Que me dizem sobre os pontos de fé de que lhes tenho falado?

Essa pergunta do padre era dirigida ao sr. Bernardino e a outros cavalheiros presentes, homens inteligentes, de algum cultivo e muito bem conceituados em Nova Aliança e adjacencias.

— Nada, ou quasi nada, tenho a responder-lhe — disse um dos interpelados, o sr. Ramiro, comerciante vizinho. — Nada, ou quasi nada, pois o reverendo não me respondeu á pergunta que tomei a liberdade de fazer-lhe ha dois dias: se eu, no paraiso, na felicidade eterna que o reverendo descreve, poderei ver os entes mais caros deste mundo — meu pai, minha mãe, meu filho mais velho, falecidos antes de mim.

— Sim — respondeu o padre — lá verá o senhor esses entes queridos e muitos outros, se

eles tiverem sido considerados dignos de ir gozar, no céu, da mesma felicidade eterna. No caso contrario, não os verá mais, porque estarão no inferno.

— Mas, poderá haver felicidade para aquele cujos pais estão no inferno?

— Deus apagará do pensamento dos eleitos a lembrança de tais entes amados, ou os fará ter prazer com isso. Leia o *Manual de Goffiné*...

— Então, entraremos no céu sem a recordação tão grata de uma boa e carinhosa mãe, de um pai dedicado e amoroso até ao sacrificio, de um filho que no mundo era a metade de nossa alma?

— Pode tambem suceder que essas almas eleitas, no paraiso, se sintam indiferentes, sabendo estarem atormentadas as almas dos máus...

— Isso não é possivel — disse o sr. Bernardino — porque Jesus recomenda, acima de tudo, a caridade e o amor.

— Permita-me agora — continuou o sr. Ramiro — mais algumas ponderações acerca do inferno.

Diz o sr. padre que o inferno é o lugar

dos suplicios eternos, do fogo horrivel, para quantos morrem fóra da graça de Deus, isto é, sem a confissão, ou sem ter ouvido muitas missas, acompanhado procissões, tomado parte em outras ceremonias do culto, etc., etc. Raciocinemos um pouco: seculos se escoarão e o condenado continuará a sofrer; milhares de seculos passarão e ele os passará no mesmo tormento horrivel, num fogo sem fim, entre demonios, em enormes caldeiras incandescentes. Entre nós, haverá um pai capaz de condenar um filho a tais tormentos?

— Mas, Deus — disse o padre Armando — é infinito em todas as suas qualidades, em todos os seus atributos. Ora, as ofensas crescem ou diminuem em relação á importancia da pessoa a quem são dirigidas e, assim, na mesma relação, crescem ou diminuem as penas. As ofensas feitas a Deus...

— E nós poderemos ofender a Deus? — interrompeu o sr. Ramiro.

Um sorriso aflorou a todos os labios. O proprio padre Armando sorriu tambem...

Alberto igualmente se preparava para dizer alguma coisa, quando uma senhora, em

trajes de cosinheira, colocando grande bandeja sobre a mesa proxima, disse:

— O café e os bôlos fritos.

Com isso, terminou nessa noite a doutrinação do Vigario, passando os presentes a conversar sobre varios outros assuntos.

VI

ESPERANÇA

A sala, espaçosa, com uma mesa redonda ao centro e cadeiras escuras e pesadas formando triangulo, que um sofá do mesmo genero interceptava, era o ponto de reunião de diversas pessoas de ambos os sexos, na residencia do Snr. João Evangelista Soares, pai de Marieta.

A casa, de estilo antigo, ampla, branca, era a séde da fazendinha desse cavalheiro e com certeza ainda o é. Rodeavam-na em grande numero arvores frutiferas, algumas copadas e belas, como laranjeiras e limeiras, outras feias, esgalhadas, com poucas folhas e pedras bastante pesadas entre os galhos inferiores, para ficarem bem abertos e produzirem maior

quantidade de frutos, como os marmeleiros e os pecegueiros.

Pela frente, além da estrada larga, que passa ligando o povoado e distrito de Nova Aliança á séde da comarca, serpeia calmamente um riacho de aguas claras e mansas.

Na sala, ocupando diversas cadeiras, os homens conversavam e, no sofá, Marieta lia atentamente os contos de uma revista. As outras duas senhoras presentes ora tomavam parte na conversa dos homens, quando caia sobre algum ponto de maior interesse, ora liam os jornais que nesse dia o correio levara e que sempre eram esperados com ansiedade, porquanto, como é sabido, no povoado não havia telegrafo, nem telefone e o estafeta somente de cinco em cinco dias distribuia a correspondencia.

O grande relogio, de caixa alta sobre o soalho, e trabalhando com dois pesos de ferro, marcava 10 1/2 horas e o sol já ia abandonando a sala, na sua marcha para o zenith.

Sobre uma mesinha, num dos cantos do aposento, descansava um violino em sua caixa e, perto, pendia da parede um violão de madeira escura. Sobre o pequeno movel viam-se

tambem algumas musicas, impressas umas, outras manuscritas.

Mais alguns minutos decorridos, a porteira do terreiro se abriu, girando ruidosamente em seus gonzos, e uma voz forte de homem se fez ouvir: "Dão licença?"

— Sejam bemvindos, como sempre! — respondeu o dono da casa, levantando-se, desde que conheceu a voz do sr. Bernardino.

Pouco depois, assomavam á porta da casa Alberto e seu pai.

Dois anos haviam passado após o desastre, verdadeira catastrofe, que tantos prejuizos acarretara a Nova Aliança e causara a cegueira de Alberto. Este contava então vinte e dois anos. Um tanto mais palido do que anteriormente e com uma cicatriz pouco perceptivel na fronte, demonstrava, entretanto, saude perfeita do corpo e da alma.

Os recem-chegados saudaram a todos os presentes com amistosos apertos de mão e o sr. Bernardino assentou-se numa cadeira ao lado do sr. João Evangelista, enquanto Alberto se acomodava no sofá, ao lado de Marieta, cujos labios deixaram perceber o seu contentamento pela visita, entreabrindo-se num franco sorriso de satisfação.

Abandonados os jornais e revistas, a palestra se tornou geral, passando logo o snr. Bernardino e seu filho a dar aos amigos as noticias mais recentes do povoado de Nova Aliança.

Depois de cerca de uma hora de palestra e de descanso para Alberto e seu pai, foram servidas algumas frutas a todos e uma das senhoras manifestou o desejo de ouvir um pouco de musica.

Da melhor vontade Marieta e Alberto aquiesceram e logo, aos sons do violino, executado com pericia pela moça, uniam-se os acordes sonoros do violão.

Assim passaram os visitantes e as pessoas da casa boas horas de agradavel entretenimento, á espera da noite, em que outra sessão de musica lhes seria oferecida.

O joven cégo, guiado delicadamente por Marieta, retirou-se da casa, atravessou diagonalmente o terreiro em direção á porteira e foi postar-se á sombra das grandes arvores do pomar, a horas em que o sol de dezembro, num céu sem nuvens e de um azul intenso, enchia de calor e de luz vivissima a zona que seis mezes antes era fria e triste e apresentava, pela manhã, as aguas e os capinzais cobertos de alva e densa camada de neve.

Para Alberto, essa exuberancia de luz não tinha valor direto. Seus olhos, aparentemente perfeitos, se haviam fechado, dois anos antes, ás belezas que nos cercam. Sentia prazer, porém, observando a alegria dos seus amigos e, principalmente, de Marieta, cujos desvelos para com ele eram dignos da mais sincera admiração.

De que teriam falado, passeando sob as copadas arvores do pomar, ou assentados, no fundo das plantações, sobre a saliencia gramada que fôra deixada junto á cerca? Ninguem o saberia dizer. Trataram, talvez, dos seus projetos para os dias vindouros, da felicidade de que ainda poderiam gozar neste mundo, de quanto sentiam ambos, no mais recondito da alma, ou dessas mil fantasias que nos surgem de todos os lados no decorrer da vida.

Talvez falassem tambem do futuro, desse futuro que para outros é um misterio impenetravel, mas, para eles, afeitos já ao estudo, á experiencia e á meditação, descerrava uma parte das suas espessas cortinas.

Faltava a Alberto a luz dos olhos; porém, a resignação no sofrimento lhe trazia relativa felicidade. Voltara a trabalhar, se bem nou-

tra arte em que adquirira prática e todos os dias encontrava no violão, no grande consolo da musica instrumental e do canto, agradabilissimo passatempo para si e para os outros.

Marieta não era, como dois anos antes, a formosa menina que se faz moça. Aos dezoito anos, tornara-se a perfeita revelação da mulher formosa, numa exuberancia admiravel de saude, de robustez e de simpatia.

E os dois jovens, ora sentados, ora passeando vagarosamente, unidos, a mão esquerda da moça sobre o hombro do companheiro, continuavam a palestra que nenhum curioso tentou perturbar ou simplesmente ouvir, até que, á tarde, quando o relogio da sala badalava cinco horas, a voz da mãe de Marieta, de uma das janelas do predio, os chamou para o jantar.

VII

Novos rumos

Nascido e educado entre catolicos praticantes, Alberto, vizinho de uma igreja, era assiduo frequentador de todos os atos religiosos da paroquia e sentia paixão pelas festas aparatosas. E tinha razão, pois são raras as grandes reuniões nos povoados do campo e, nesse tempo, as festas da igreja catolica apresentavam verdadeiro cunho religioso, parecendo bastante solida a fé em toda a população.

Dentro do templo corria a parte principal da festividade, isto é, as pregações, a musica apropriada, as ceremonias liturgicas excelentemente praticadas, a cantoria, com esplendida orquestra a executar composições dos grandes mestres. Fóra do templo, havia a parte menos

importante dos festejos, consistindo apenas nos leilões de prendas.

Em nossos dias, sucede o contrario em muitos lugares: a parte principal é a exterior; a secundaria, a do interior... A musica que se executa ou é antiquada, ou pouco religiosa; as ceremonias eclesciasticas se realizam ás pressas, sem despertar emoção nos assistentes, parecendo executadas *a contra-gosto*. Já não se ouvem as belas litanias á grande osquestra e o silencio, o recolhimento, a atenção dos antigos tempos foram substituidos pelo bulicio, pelos cochichos, pelo ruido surdo, que tornam desagradavel o recinto. Primeiro, o ouro; depois, a fé...

Alberto, ainda menino, sofrera, na igreja, os seus primeiros desgostos, principalmente depois que viu o antigo vigario do lugar substituido por um sacerdote, cujo sistema era profundamente diverso do do seu antecessor e cujo modo de tratar o povo era tão duro e tão pouco cristão, que muitos dos seus conterraneos foram dos primeiros a se manifestar desgostosos, chegando a não mais entrarem no templo, ou a só muito raramente lá irem.

Tambem a Alberto, ainda adolescente, sucedera o mesmo. E' que, já sabendo ler corretamente e dedicando-se até, com inauditos esforços, a estudos mais elevados, entrou a estudar o problema religioso. Leu muitas obras pro e contra a religião catolica, desde os versos suaves e belos do Conde de Afonso Celso, até aos poemas sonoros e homericos de Guerra Junqueiro, desde Vieira, Goffiné, Chateaubriand e tantos outros, até aos romances historicos de Eugenio Sue, e, lendo e meditando, formara, antes de ficar cégo, o seu juizo acerca da crença que podia e devia adotar.

Cegando, conservou-se uns tres a quatro mezes inconsolavel, alheio a quanto o rodeava, sem cogitar, sequer, da justiça impecavel dos designios da Providencia divina. Foi nessa ocasião que seu pai, vendo-o triste e abatido, embora já conformado, lhe propoz, o que ele aceitou com alegria, ler-lhe todas as noites algumas paginas, de obras sobre a verdadeira fé, sobre a fé que devemos *conhecer raciocinando*, para adota-la.

Na continuidade desse estudo, encontrou Alberto o consolo, a resignação, a confiança e a fé racional, ao contrario do que anteriormente lhe acontecia, pois, então, no presente, apenas via a desgraça e no porvir um campo esteril e insondavel.

O fogo do inferno, com que o ameaçavam, não lhe causava medo, mas descrença absoluta. Admitindo a idéia da existencia de Deus, não podia crer que o Senhor Onipotente, o Pai Amantissimo e Onisciente atirasse seus filhos ao suplicio eterno, mesmo que esses filhos o *pudessem* ofender (1), coisa que se lhe afigurava inteiramente impossivel, dados a nossa pequenez, o nosso nenhum valor, em comparação com a grandeza infinita da Divindade.

Abandonara, portanto, os velhos preconceitos, que somente admitiam a salvação da alma para um numero realmente insignificantissimo de individuos *e salvação que constituia privilegio de uma religião, cuja existencia, através da historia, não remonta á vinda do Cristo, nem sequer ao reinado de Constantino; que, ao envez, é relativamente nova, com muito menos de* 1900 anos, ao passo que a humanidade existe sobre a terra ha milhares de seculos (no minimo ha 6.000 anos segundo a Biblia).

Desprezando esses velhos preconceitos, substituiu-os pela religião do amor, do perdão, da resignação e da caridade.

(1) Os pregadores catolicos não se referem quasi nunca ás ofensas aos nossos irmãos, mas a Deus.

Possuido dessa crença é que o leitor amigo o encontraria no trabalho, ou em repouso, em palestra á sombra de suas arvores prediletas, ou enlevado na musica. Adivinhar-lhe-ia no semblante, ainda quando meditando em silencio, que uma alegria cristã lhe iluminava a alma.

ABRIL

Como sois calmas e belas,
Tardes risonhas de Abril!
A tudo trazeis e a todos
Uma alegria infantil.

Pelos vales, pelas serras,
Pelas vargens do sertão,
Sadios efluvios giram
Ao sopro da viração.

Volteiam ágeis, alegres,
Andorinhas — mais de mil,
Que não fugiram ainda
Do frio que vem hostil.

Com suas aguas cristalinas,
O riacho, a deslisar,
E', num campo de esmeralda,
Imenso, argenteo colar.

Vestem-se os campos de verde
E o céu de rosa e de anil...
Como sois calmas e belas,
Tardes risonhas de Abril!

Como sois calmas e belas,
Tardes risonhas de Abril!
Quanta luz, do vale agreste,
Ao mais agudo alcantil!

A mãe, solicita e meiga,
Embala o filho, a cantar.
O louro infante, fitando-a,
Sorrindo, dorme a sonhar.

Muita flor balouça a aragem,
Em seu suporte de hastil,
E em todo o ambiente se expande
Um doce aroma sutil.

Trinam as aves canoras,
Nos galhos a saltitar,
E arrulham mais longe as rolas,
Ocultas pelo pomar.

Parece que a natureza
Sorri, faceira e gentil...
Como sois calmas e belas,
Tardes risonhas de Abril.

VIII

TARDE FESTIVA

Expirava o mez de Abril. Nem o calor do fim da primavera e de quasi todo o verão, nem o frio de Junho. Bem longe ainda vinha Julho, com as suas noites silenciosas e tristes e as suas manhãs branqueadas de neve, da temida geada do sertão.

Era a transição entre o calor e o frio. Era a epoca da temperatura mais amena do lugar e de toda aquela zona.

Expirava o mez de Abril.

O céu azul, matizado de longinquas nuvens côr de rosa, o ar, purissimo e claro, levemente embalsamado pelos arvoredos ainda enflorescidos; o riacho, de aguas limpidas, cris-

talinas, serpeando calmamente num leito verde brando, de vegetação agreste.

Expirava o mez de Abril.

Ao longe, na encosta da montanha, trabalhavam, cantando, operarios da lavoura Pela varzea, estensa, coberta de virente capinzal, dois pastorinhos traziam, para o aprisco da noite, as mansas vacas leiteiras. Sobre a larga estrada publica, rodava, entulhado de milho, o pesado e vagaroso veiculo, de tipo primitivo, que oito bois pacientes conduziam ao paiol da fazenda.

Em todas as fisionomias, havia então, como em nenhuma outra quadra do ano, um mixto de confiança e de prazer, de esperança e de alegria, de fraternidade e de amor.

Expirava o mez de Abril.

Vasto terreiro plano, quadrado, com larga porteira, tendo á esquerda e ao fundo grande pomar e á direita a casa de campo, quasi luxuosa, com uma porta e seis janelas para o terreiro. A' frente do predio e enchendo a sala espaçosa, uma aglomeração não pequena de pessoas — homens e senhoras, moças e rapazes, meninos de ambos os sexos, todos vestidos festivamente — parecia aguardar um acontecimento sensacional.

Ao centro do salão, numa mesa quadrangular, coberta por belissima toalha de renda fina, onde repousavam duas formosas jarras de flores, um homem escrevia em volumoso livro. A' cabeceira da mesa, um senhor de aspecto respeitavel; á sua direita, um moço de fisionomia simpatica e varonil e um homem de meia idade, ambos trajados de casemira escura; á sua esquerda, uma joven de formosura não comum, toda vestida de branco, e um senhor de cerca de 50 anos, vestido de preto.

Silencio absoluto. Unicamente se ouvia o ruido da pena a correr pelas folhas do livro e, longe, bem ao longe, o pio estridente do *peixe-frito*, ave que não dorme, pois, durante o dia todo e toda a noite, está a gritar o proprio nome, como diz o povo.

A pena que corria sobre as folhas do livro parou e o homem, pousando a caneta sobre o porta-canetas, levantou-se e começou a ler. Terminada a leitura, houve perguntas, a que os dois jovens responderam. Em seguida ás suas respostas, todos se puzeram de pé e o que presidia á cerimonia proclamou em voz alta e clara:

"Eu, Dr. João Alves de Albuquerque, pri-

Imp. nas Ofic. do "REFORMADOR"

INDICE

A FELICIDADE

		Pags.
Prefacio		7
I.	— Alberto	9
II.	— A saraivada	14
III.	— Nas trevas	19
IV.	— Polemica	25
V.	— Doutrinando	33
VI.	— Esperança	43
VII.	— Novos rumos	49
VIII.	— Tarde festiva	55
IX.	— Em nome de Deus	59
X.	— Os cégos vêem	65
XI.	— Um decenio depois	69
XII.	— Comentarios	76
XIII.	— O visitante	82
XIV.	— No salão do hotel	89

meiro juiz de paz e juiz de casamento, vos declaro casados".

Assinou, a seguir, o termo que acabava de ser lavrado e, colocando a caneta na mão do noivo e levando-a ao lugar do livro onde devia pôr o seu nome, escreveu o moço com mão firme: *Alberto Alvarenga*.

A noiva assinou tambem: — *Marieta Soares* e passou a pena a um dos paraninfos, os quais, depois de haverem assinado, a deram a diversos convidados, que igualmente assinaram.

Parabens, abraços, doces, licores, estampando-se em todos os semblantes grande e sincero jubilo.

Uma hora mais tarde, já á luz do lampeão pendente do fôrro, iniciaram-se as despedidas e os convidados, aos grupos, se foram retirando da hospitaleira vivenda do Snr. João Evangelista Soares e tomando á luz argentea da lua o caminho de suas residencias. Apenas ficaram com os noivos alguns dos amigos mais intimos e dos vizinhos mais proximos.

IX

Em nome de Deus

Além do sr. Bernardino, de suas filhas e genros, tambem ficaram na casa do sr. João Evangelista o sr. Ramiro de Araujo, tres senhoras residentes em Nova Aliança e alguns vizinhos e amigos do lavrador.

O Sr. Ramiro, que fôra paraninfo do noivo, era um homem de cerca de 40 anos, inteligente e culto, antigo comerciante em Nova Aliança, onde se fizera muito conceituado.

O sr. João Evangelista, verificando estarem presentes apenas companheiros de crença convidou-os a passar á sala interior. Era um compartimento espaçoso, com uma grande mesa, apropriada para as refeições e cercada de numerosas cadeiras, algumas trazidas na ocasião da outra sala.

A uma das cabeceiras assentou-se o sr. Ramiro de Araujo, tendo á direita Alberto, Marieta, o sr. Bernardino e diversas outras pessoas e á esquerda o sr. João Evangelista e sua senhora, seguindo-se as tres senhoras a quem anteriormente me referi. Estavam presentes ao todo, junto e longe da mesa, cerca de trinta pessoas.

O sr. Ramiro, como presidente da reunião, fez uma pequena, mas muito comovedora prece, e declarou aberta a sessão.

Era uma sessão espirita.

Após dois ou tres minutos de rigoroso silencio e concentração, o presidente começou a falar:

"Deus! Pai amantissimo de infinita bondade! Jesus! Bom e divino Mestre! Interpretando o pensamento de todos os meus irmãos presentes, imploro as vossas bençãos para os dois jovens que aqui se encontram.

"Os nossos queridos irmãos Aberto e Marieta casaram-se hoje, segundo as leis humanas. Não teriam inteira confiança, porém, na felicidade que tanto desejam, se os seus guias espirituais e, com eles, outros dos nossos grandes amigos e protetores do espaço, não viessem, em vossos nomes, trazer suas bençãos

a essa união e a promessa da sua proteção, no futuro, para o novo lar que acaba de ser constituido.

"Ao noivo falta a luz dos olhos, não lhe faltando, porém, a resignação nesse sofrimento, nem o amor ao trabalho, nem a fé inquebrantavel em seu futuro nesta vida e nas outras. Mas, mesmo por isso, justamente por ser cégo, mais necessario julgamos para ele o amparo direto dos nossos amigos desincarnados."

Houve alguns minutos de silencio e de espectativa. Uma senhora levantou-se em transe e declarou:

"Eu sou o guia espiritual de Marieta".

Em seguida, esse Espirito esclarecido e bom, a quem aquela senhora servia de intermediaria, fez aos noivos e a seus pais belissima preleção.

Mal terminara, um homem, ainda moço, que se sentara defronte dò presidente, na extremidade oposto da mesa, disse pausadamente:

"Sou o guia de Alberto. Acompanho-o desde a sua existencia anterior. Fomos irmãos carnais em tempos bem remotos, ha mais de quatro seculos, e desde então ficámos amigos. Durante a sua vida precedente, conservei-me no espaço e procurei sempre ampara-

lo e protege-lo. Desde que ele voltou novamente ás lides terrenas, na atual existencia, procuro ser-lhe util. A cegueira lhe era inevitavel e, por isso, não me foi possivel desvia-lo dessa dura provação; mas, tenho o cuidado de incutir-lhe animo, de dar-lhe coragem, de lhe amenisar os sofrimentos e continuarei a faze-lo até ao fim da sua vida, se Deus o permitir.

"Alberto! Assumiste hoje um compromisso solene, o compromisso mais importante que um homem pode assumir no decorrer de uma existencia. O encargo é pesado, mas, tu o desempenharás valorosamente. Recebeste em tua casa a joven que te dedica afeição não comum e tens o dever de faze-la feliz. Eleva sem cessar o pensamento a Deus, circumda a tua esposa de amor e de atenções, trabalha sem desfalecimento pela felicidade do teu lar e não deixes nunca arrefecer em ti os sentimentos de caridade para com o proximo, nem a fé num porvir de ventura infinda. Tens o dever de procurar fazer feliz a tua joven esposa. Cumpre esse dever.

"Marieta! Tu, que em existencia bem afastada, ha mais de duzentos anos, foste minha filha, a quem desde então amo com amor de

pai, tens o dever de ouvir e gravar no pensamento algumas palavras que passo a dizer-te. Acabas de desposar um cégo. Assim devia acontecer e, mesmo que repudiasses Alberto e te unisses a um mancebo perfeito, teu marido ou um filho teu perderia a vista e serias mulher ou mãe de um cégo. Escolherias para esposo um moço cuja provação fosse a cegueira ou um Espirito sujeito a igual provação seria teu filho. E' que, em existencia anterior, havendo teu pai perdido a vista, não tiveste para com ele as atenções a que tinha direito e que eram do teu dever. Tal a lei. Reparas, pois, para com teu marido, não um mal que hajas praticado, mas o bem que deixaste de fazer.

"Sê-lhe esposa terna e dedicada. Alegra-lhe o lar, amenisa-lhe o trabalho, suavisa-lhe o sofrimento. Substitue, com a tua inteligencia e a tua vivacidade, o sentido que lhe falta.

"A boa mulher, isto é, a mulher delicada, laboriosa, jovial e amorosa, na grande maioria dos casos, faz o bom marido. Em geral, é infeliz no casamento a mulher que não sabe ou não procura fazer de sua casa um lugar aprazivel, pois o marido, vendo no lar a tristeza, sentindo em sua companheira a falta de

devotamento aos verdadeiros deveres conjugais, procura, longe do lar, a felicidade, embora passageira ou ficticia, que o lar lhe recusa, e essa felicidade, passageira ou ficticia, ele a encontra bastas vezes no alcool ou no jogo, vicios terriveis que lhe tragam, não raro, as rendas, fazendo que a miseria não tarde, em consequencia, a visitar sua mulher e seus filhos.

"Marieta! Sê, para Alberto, esposa terna e dedicada. Esquece-te de ti e dedica-te á felicidade dele, que nesse esquecimento e nessa dedicação encontrarás a propria felicidade.

"Alberto e Marieta, em nome de Deus e de Jesus, em nome dos vossos guias e protetores espirituais eu abençoo a vossa união".

*

Pronunciadas as palavras transcritas nas linhas acima, o medium ficou alguns momentos com as mãos estendidas em direção aos jovens noivos, até que, baixando-as a pouco e pouco, assentou-se na sua cadeira e despertou.

A comoção era geral.

X

Os cégos vêem

Depois que o medium terminou a sua pequena, mas edificante preleção aos noivos, alguns minutos decorreram em absoluto silencio.

O medium era um moço sem cultivo algum, porém cheio de boa vontade e de fé. As suas palavras, no transe, haviam causado profunda impressão em todos os ouvintes, que de certo agradeciam a Deus mentalmente a visita dos dois amigos desincarnados, guias dos noivos.

O presidente da sessão, julgando terminados os trabalhos daquela noite, ia encerra-la, quando Alberto se ergueu, á sua direita, afastando a cadeira e apoiando a mão esquerda sobre a mesa.

Estava transfigurado. Seus grandes olhos negros pareciam ter readquirido a expressão antiga e algumas lagrimas, lagrimas de gratidão e de grande contentamento, lhe humedeciam as faces, que a emoção ruborisava.

O cégo era medium vidente e audiente, mas sempre consciente. Cheio de ventura e de esperança, por uma faculdade especial, atirava um olhar, sem ter vista corporea, em torno de si proprio e outro olhar ás plagas do futuro.

Erguendo a dextra, como a designar um ponto do salão, começou a falar em voz clara, comovente, respeitosa:

"Meu Deus! como sou feliz! Fiquei sem o dom da vista, mas vós me permitistes ver ainda melhor, pois, antes, eu apenas via os corpos materiais e hoje vejo o mundo espiritual, vejo a verdadeira vida, vejo a realidade.

"Eu duvidava de tudo, chegando a duvidar do meu proprio *eu*, desse ser que em mim sente e raciocina, e vós me permitistes ver uma nesga desse mundo em que não acreditava.

"A dôr me acabrunhava e vós me enchestes a alma de paciencia e o coração de esperanças.

"Julguei-me vitima de uma injustiça atroz e hoje tenho a certeza de estar sofrendo uma provação, devido a passadas faltas.

"Considerei-me desamparado e só e vós, Pai amaitissimo, me rodeastes de entes carinhosos, que me ampararam e amparam na minha fraqueza, na minha quasi invalidez.

"Na minha alma, onde habitavam a tristeza e a descrença, ha hoje esperança e amor.

"Chorei por muitos anos a perda, que julguei irreparavel, da minha carinhosa mãe, e vós, Senhor, até minha mãe me restituistes...

"Hoje, dia de minha união com a esposa querida desde tantos anos, reuniram-se em torno de nós os entes a quem mais amamos e tambem minha mãe quiz estar presente a essa solenidade, quiz fazer parte da reunião dos seres amados que vieram assistir á festa da minha felicidade.

"Sim, distingo-a muito bem. Sorri-nos. Junto a muitos outros Espiritos e entre os nossos protetores e guias, vejo muito distintamente a minha boa mãe.

"Falta-me a vista do corpo material; porém, isso que vale nestes momentos felizes, quando elevo o pensamento á verdadeira pa-

tria e, com o auxilio dos meus amigos da terra e do espaço, vejo com tanta nitidez. Vejo, com clareza, sem auxilio dos orgãos visuais do corpo.

"Irradiações sublimes se movimentam; Espiritos limpidos e luminosos se elevam.

"Minha mãe! Minha mãe! Agradeço-te o teres vindo tomar parte na festa da minha felicidade.

"Meu Deus! Como sou feliz!"

Alberto disse mais algumas palavras e, em seguida, um dos guias do agrupamento, após breves palavras aos noivos, mandou se encerrasse a sessão, o que foi feito com uma pequena, mas fervorosa prece.

A noite ia quasi em meio, quando as ultimas pessoas se retiraram da hospitaleira casa de campo dos pais de Marieta, após o chá que a todos foi oferecido.

XI

Um decenio depois

Dez anos tinham decorrido desde que Alberto perdera a vista e oito haviam passado desde o dia do seu casamento.

Em Nova Aliança, poucas modificações ou poucos melhoramentos se notavam. Apenas uns predios mais modernos, quanto á construção, e uns passeios de cimento em frente ás casas por quasi todas as ruas e maior asseio nestas e nas praças.

E' que o progresso nos povoados do interior é sempre moroso, ao contrario do que sucede nas cidades maritimas, ou bafejadas pela proteção oficial.

Numa casa baixa e modesta, mas espaçosa, ha uma ferraria, onde trabalha, no dia em que nos achamos, um homem de mais de

55 anos. E' alto e musculoso, de fisionomia bondosa; trabalha com a alegria de um moço: Martelando o ferro em brasa, que um ajudante malhava com pericia, o operario sorria algumas vezes com ternura, sempre que olhava pelas janelas do fundo da oficina, dando para um terreiro sombreado de grandes arvores frutiferas, onde o honrado artista avistava alguns entes queridos.

O sol descia para o poente e a essa hora a sombra da casa abrigava um grupo digno de observação.

Uma senhora, moça e formosa, assentada sobre um banco de jardim, terminava uma peça de vestuario e a sua agulha corria com a ligeireza propria dos artistas consumados; pouco distante um moço de cerca de trinta e dois anos, simpatico, ocupava-se em polir cuidadosamente alguns instrumentos de musica, de madeira, para cordas — violões, violas e cavaquinhos. Em torno deles e pelos outros pontos do terreiro e do pomar, brincavam duas lindas crianças, a maior das quais, um belo menino de mais de sete anos, atendia ao nome de Mario, e a menor, de cerca de seis anos, era uma encantadora menina com o nome de Juracy.

Eram Alberto, Marieta e seus dois filhos.

Alberto, embora cégo, era um bom operario auxiliar. Junto com um joven marcineiro seu vizinho e amigo, fazia instrumentos de musica, de madeira, que eram vendidos no lugar ou exportados para centros de comercio mais desenvolvido, onde aqueles produtos já haviam adquirido justa nomeada.

Quando era pouco o trabalho de madeira, nos instrumentos de musica, Alberto auxiliava o pai na oficina, limando e polindo objetos de metal, isto é, aperfeiçoando, com o fino tacto e a incomparavel paciencia de que os cégos em geral são dotados (e ele o era como ninguem), todos os objetos de arte que a oficina produzia.

Assim ganhava o pão cotidiano, para si e a familia, e ainda podia ser util á pobreza que o rodeava, para a qual eram ele e Marieta como que dois idolos vivos.

Alberto sentia-se cada vez mais feliz. Grande alegria experimentava junto de sua mulher e seus filhos, principalmente quando assistia ás lições de leitura, de escrita e de contabilidade dos pequenos, habilmente dirigidos por Marieta ou pelo sr. Bernardino, preparando as lições da escola publica.

Como por acordo tacito, Marieta e Alberto terminaram ao mesmo tempo seus trabalhos, e o sr. Bernardino, já sem o classico avental de couro, mas vestindo um paletó de brim, entrava no pateo, afim de levar os netinhos para a costumada excursão da tarde.

Assentados no mesmo banco, encetaram os dois esposos um dialogo, enquanto o sol desaparecia e surgia a lua.

— Sabes, Marieta — disse Alberto — que amanhã, domingo, é o dia do oitavo aniversario do nosso casamento?

— Eu estava justamente pensando nisso — respondeu Marieta. E como poderemos comemorar essa data?

— Convidaremos meu pai e tambem o sr. Ramiro e o sr. Honorio, os nossos dois paraninfos naquele dia feliz, e iremos, á tarde, á casa de teus pais, onde passaremos algumas horas. Lá jantaremos, faremos um pouco de musica com os colegas da vizinhança, e terminaremos a visita, á noite, com uma sessão espirita, na qual lerás umas paginas do nosso mestre Léon Denis e outras de Amalia Domingo Soler. Ouviremos alguns conselhos dos nossos guias espirituais e eu ao mesmo tempo verei muitos dos nossos amigos do espaço, uma das maiores felicidades minhas nesta vida. Tenho a ventura de ver os nossos amigos desincarnados, mas, apenas quando estou a sós e de modo incompleto e deficiente, devido aos ruidos que nos cercam e á consequente falta de concentração. Nas sessões espiritas, porém, principalmente quando com os mesmos companheiros, vejo tudo quanto é espiritual, isto é, vejo muitos, muitissimos irmãos desincarnados, conhecidos e desconhecidos, distinguindo-os com toda a nitidez.

Sei que para os nossos irmãos do espaço tem valor diminuto a nossa contagem do tempo; mas, para nós, que pesamos ainda sobre o duro solo deste planeta, as datas têm tanto significado, tanta poesia...

Devo hoje fazer-te uma confissão — interrompeu Marieta. — Agradam-me mais as nossas reuniões por um motivo de gratidão: sem elas, não seria firme a minha crença nas provações, nas reincarnações, etc., e, por isso, não tendo confiança na minha resignação no futuro, não me animaria a aceitar-te como marido, temendo fazer-te infeliz.

— Nem eu aceitaria esse sacrificio de tua parte, nem me animaria a assumir o compromisso do consorcio. Se eu ignorasse as

verdades irrefutaveis da doutrina que professamos, acreditaria uma iniquidade aceitar-te como esposa. Não compreenderia a tua generosidade, nem a dedicação de meu pai. Sinto-me tão feliz junto de ti, do meu bom pai e dos nossos queridos pequenos, que nesta vida nada mais peço á bondade infinita de Deus.

— Mas, eu desejava que pudesses ver os nossos filhos...

— Não é de absoluta necessidade ve-los. Sei que se parecem contigo e isso me basta, pois sei que são formosos. Parece-me ver-te ainda menina. O rosto moreno e rosado, os olhos grandes e brilhantes, os labios purpurinos... Tinhas o vestido curto, calçavas uns sapatinhos vermelhos e vinhas correndo por sobre a relva, afim de saudar minha irmã, quando pela primeira vez nos vimos. Quando nos saudamos, o teu rosto se fez mais rosado. Essa a primeira centelha...

— Alberto! — interrompeu Marieta.

— Quantos anos já se escoaram — continuou o cégo — nem eu sei ao certo. O que sei é que aceitaste com prazer a cruz que se te deparou e encheste e enches de felicidade esta casa que, sem ti, personificação que és dos

favores da Divina Providencia, seria um quasi deserto...

— Entremos, Alberto — interrompeu mais uma vez a joven senhora. — Entremos e vamos falar a teu pai sobre a projetada excursão de amanhã.

XII

COMENTARIOS

Não descreverei aos meus compassivos leitores a sessão realizada na casa do sr. João Evangelista, entre as 7 1/2 e 9 1/2 horas da noite, em comemoração do oitavo aniversario do casamento de Alberto e Marieta. A casa e a sala são as mesmas e as mesmas a disposição dos moveis e as pessoas que tomaram parte na sessão descrita nos capitulos IX, X. Somente doze pessoas estavam presentes, porque os convites se restringiram a essas.

Apenas devo lembrar que, no campo, o silencio e a tranquilidade têm grande influencia na concentração de todos e, consequentemente, no bom exito das comunicações. Esse silencio é comum, á noite, nas habitações campestres e, para o forasteiro que aí pernoitar,

quando afeito á vida tumultuosa das cidades, ele têm algo de misterioso e terrivel.

Ninguem sabe porque, mas, parece que, nessas horas calmas e silenciosas, á noite, em pleno campo, nos achamos mais proximos de Deus e facilmente mergulhamos o olhar perscrutador no futuro, podendo verificar o quasi nada que somos em face da eternidade.

Deixemos, pois, a sessão espirita e deixemos mesmo a sala onde doze crentes oram e estudam. Seja-me permitido fazer mais algumas ponderações sobre essa doutrina, que traz a felicidade, mesmo em vida, a todos os seus adeptos sinceros e que é, no entanto, tão anatematisada pelos papas romanos e seus prepostos, em todos os países onde ha ramificações catolicas. Seus seguidores, os que têm animo e valor para se declararem espiritas, tão perseguidos e caluniados são pelos sacerdotes romanos menos cultos, que não são em grande numero, no interior, os homens ricos ou de posição politica que se animem a dizer-se espiritas. E', de preferencia, a doutrina dos cientistas, que nada temem, e dos pobres, que neste mundo pouco têm que perder. E' a doutrina dos operarios e dos artistas, que em todas as epocas foram os mais valorosos

POESIAS

A Dor 103
Minha lira 108
Historia antiga 112
Em um retrato 115
Resposta 116
Em uma fotografia 118
A mulher 119
Outro mundo 121
Nem só de pão vive o homem 122
Vida eterna 123
Desventura 126
A Paz 128
A Fé 129
Fragmentos de historia patria 130
As tres virtudes 134
Num hospital 137
Crepusculo 140
Andorinhas 141
Quadras 142
A solidão 144
A imprensa 145
Versos a um triste 148
Contraste 149
O avarento 150
O julgamento 152
Cinco sonetos 156

PREFACIO

Paralitico, pobre, quasi cégo, vivendo do trabalho cotidiano como alfaiate, Abel Gomes deveria ter sido infeliz e inutil; no entanto, foi o homem mais feliz e mais util que conheci e com quem mantive estreitas relações durante mais de trinta anos.

Espirita convicto e esperantista entusiasta, encarando todas as coisas por um prisma otimista de alta espiritualidade, teve sempre solução feliz para todas as dificuldades de amigos, parentes, conhecidos, e nas proprias jamais pensou. Transformou pela reeducação a vida de muitas pessoas, incutindo-lhes fé, transmitindo-lhes sua comunicativa felicidade espiritual.

Autodidata, chegou a adquirir elevado grau de cultura. Deixou muitos livros em prosa e

e independentes, dos pequenos lavradores e dos trabalhadores do campo, os quais, em regra geral, não receiam perseguições, nem excomunhões sacerdotais, nem as mentiras e calunias dos altares, dos confissionarios e das tavernas. Esses espiritas pobres, pequeninos, raramente são visados pela ira clerical, que do altar, do pulpito e do confissionario atira ondas de anatemas, de censuras iniquas de mentiras e de calunias e espalham pelas tavernas e pelos botequins as ovelhas mais exaltadas e menos ocupadas do seu rebanho, a cavar a desunião, a pregar (baixinho) a inimisade entre as familias, a malquistar os patrões com os empregados, a aconselhar as perseguições, a agir, enfim, no intuito de fazer regredir de uns dois seculos a nossa civilização

Alguns catolicos negam os fenomenos espiritas, tão largamente observados e comprovados por grandes sabios, e, a cada canto, pelos demais cultores do Espiritismo, verificados e registrados todos os dias. Outros confirmam os fenomenos, mas tudo atribuem ao diabo.

Que tristeza, neste seculo de tanta cultura, haver ainda quem creia ou diga crer no diabo!

O clero romano ensina, em termos claros, que no ateismo, no puro materialismo, ha menos dificuldades de salvação do que na doutrina estudada e compilada por Allan Kardec, a pura doutrina cristã. Mas, o clero tem certa razão para assim julgar, pois o materialista, sem base para a defesa da sua descrença, pode ser conquistado e ir engrossar as falanges do romanismo, ao passo que o espirita, firme na sua crença, adquirida pelo estudo, pela experiencia e pela convicção, não poderá jamais tornar-se catolico, *mesmo que o queira*.

As verdades irrefutaveis da Doutrina Espirita desmentem as asserções infundadas do romanismo. A multiplicidade de vidas e de mundos, por exemplo, aponta, como grande erro, a existencia do diabo, pois prova que os Espiritos atrazados são os supostos genios do mal.

Dizem os romanistas que o Espiritismo é a doutrina levantada pelo anjo do mal, pelo diabo, para a perdição de nossas almas.

Não se lembram de que Deus, o infinito poder, não consentiria em ver á sua frente um adversario eterno. Assim, Ele não seria Deus. E não seria a bondade infinita, que é, se consentisse que seus filhos incautos viviam eter-

namente empenhados em luta tão desigual, pois seria desigual a luta com o espirito das trevas, a sabedoria consagrada ao mal, inimigo perfido, oculto, invisivel, sabio, imortal, poderosissimo. Poderia Deus assistir impassivel a semelhante luta entre a fraqueza e a força, entre a inocencia e a astucia, entre a simplicidade humana e a sabedoria demoniaca?

Examinemos de onde vem essa crença extravagante em espiritos eternamente dedicados ao mal, nos demonios, enfim.

Origina-se da crença na guerra entre anjos bons e anjos máus, no céu, guerra em que os anjos revoltados foram vencidos, expulsos da mansão celestial e *atirados ás entranhas da terra,* onde fundaram o *reino do mal*.

Essa historia de revolta no céu, de guerra entre anjos bons e anjos maus, é uma lenda sem a menor base que lhe dê qualquer caracter de verosimilhança.

Os anjos, creaturas perfeitas, conforme diz a Biblia, não se revoltariam contra Deus, pois bem saberiam que Deus é onipotente e invencivel, e não fariam guerra entre si, porquanto saberiam que não morrem, que são imortais. Vencidos os anjos máus e atirados

ao inferno, dali não sairiam a causar tão profundos danos á humanidade, visto que, assim, aumentariam o seu crime e fariam uma afronta ao Todo Poderoso, roubando-lhe os filhos, dado que todos nós somos filhos de Deus.

Como é que Deus, Pai amantissimo, nos deixaria assim entregues a Satanaz? Não; o demonio não existe. A sua existencia seria a negação do poder divino. Ora, prejudicada a origem do diabo, prejudicada está a sua propria existencia. Ele não existe, não pode existir, como tambem não existe o inferno.

Mas, voltemos a Alberto e Marieta e aos nossos outros amigos apresentados nesta veridica e tosca narração, dos quais conservei o leitor arredado durante todo o tempo dedicado aos comentarios do presente capitulo.

XIII

O VISITANTE

Um ano após os ultimos acontecimentos, isto é, após a comemoração do oitavo aniversario do enlace Alberto-Marieta, Nova Aliança hospedava um forasteiro ilustre.

Era um magistrado culto e honrado, dedicado ao estudo e ao bem, que, entretanto, não conhecia a doutrina espirita, nem ouvira sobre ela a menor referencia insuspeita, mas, apenas, o que dizem os padres.

Chegara a Nova Aliança e contratara no hotel do povoado a sua acomodação por mez, porque ali pretendia descansar durante algum tempo dos trabalhos e dos estudos, o que na cidade de sua residencia não seria possivel. Atraira-o a Nova Aliança a fama do excelente

clima e das aguas superiores da região, e mesmo da paz e do socego que ali se desfrutam.

O visitante, desejando respirar um ar mais agradavel, naquela bela noite de verão, passeava pelas ruas do povoado, em companhia do seu novo amigo, sr. Luiz Gomes, proprietario do hotel onde estava hospedado e homem muito estimado, devido á sua inteligencia e ao seu criterio.

Algumas vezes o dr. Ramos e o sr. Luiz Gomes, chegando ao fim da rua da Vargem, adiantavam-se em sua excursão pela larga estrada carreira, ou assentavam-se, descansando, em madeiras lavradas que se achavam junto a um estaleiro de serrador, sempre a palestrarem.

O hoteleiro descrevia ao juiz usos e costumes daquela zona, que ele conhecia com perfeição, e o juiz falava-lhe de suas viagens recentes, de suas impressões sobre algumas cidades por ele visitadas e da vida tumultuosa da sua cidade, onde certas convenções sociais lhe não deixavam tempo para um passeio sequer.

— Mas, de tudo quanto vi e observei ultimamente — disse o dr. Ramos, continuando

o passeio pela larga estrada que a lua iluminava — nada me causou tanta impressão como o modo de viver de uma familia deste lugar. E' na casa de um homem cégo, moço ainda, e de seu pai, com quem tenho um negocio já combinado.

Tendo de vir a Nova Aliança, com o intuito de aqui ficar dois mezes no minimo, um amigo e colega me encarregou de procurar o sr. Bernardino e seus filhos, afim de lhes propor que dêem procuração áquele advogado para liquidação de uma pequena herança que eles têm em Ouro Preto. Logo que cheguei, ha 10 dias, procurei-os e facilmente nos entendemos, tendo eles, no dia seguinte, dado a necessaria procuração que seguiu pelo primeiro correio.

Voltei, entretanto, a fazer-lhes outras visitas, ás vezes á noite e outras vezes em horas de trabalho, que não tenho consentido interrompam devido á minha presença.

São pobres, o moço é cégo, o velho tem profissão pouco compensadora; entretanto, ha naquela casa uma suave alegria que causa admiração. O velho ferreiro, cheio de saude e de robustez, trabalha alegremente, conversando com graça sobre diversos assuntos e tratando o empregado como a um amigo intimo. O filho, cégo, quando deixa o trabalho de instrumentos de musića, vem prestar ao pai o concurso da sua inteligencia e habilidade, limando, lixando, brunindo, aperfeiçoando enfim os objetos que o artista tem concluido. Não raro se apresenta a esposa do cégo, com um trabalho de bordados, e todos agem com tanto contentamento, todos parecem tão felizes! A palestra torna-se geral, tão agradavel e cordial, que o visitante se retira grandemente comovido. Por duas vezes, á noite, já lhes ouvi musica — violino, cavaquinho e violão — e posso asseverar serem verdadeiros artistas. Prometeram-me uma visita, no hotel, para o proximo domingo, levando mais dois amadores, e eu os espero com o maior prazer.

Porque é tão feliz essa familia?

E' uma familia pobre, humilde, forçada á luta pelo pão cotidiano, havendo nela um homem privado de vista, e parece que a felicidade habita aquela casa.

As proprias crianças, inteligentes e ativas, alegres e formosas, falam-nos com o sorriso nos labios.

Porque são tão meigos e encantadores aqueles meninos?

Parece que uma paz infinita se alojou

naquela casa, onde todos vivem uns para os outros, inclusive os dois empregados. Entre eles, o visitante respira uma atmosfera suave, sente um bem estar indefinivel.

Porque vivem tão felizes?

— Nada de extraordinario ha no caso, sr. dr. Ramos — respondeu o sr. Luiz Gomes. — Todos daquela casa são realmente felizes. São espiritas.

*

Alguns minutos de profundo silencio sucederam ás ultimas palavras do hoteleiro.

Os dois continuaram a caminhar, vagarosamente, em direção ao povoado, á entrada do qual havia o estaleiro de serrador e, disseminadas pela beira da estrada, diversas madeiras lavradas. Em uma dessas peças de madeira assentaram-se e o dr. Ramos perguntou:

— Então para obter a felicidade basta o individuo ser espirita?!

— Sim — respondeu o sr. Luiz Gomes; — mas, ser espirita sincero, convicto, firme, conhecendo a doutrina e procurando seguir-lhe todos os ensinamentos. O verdadeiro espirita estuda sempre a doutrina e dela faz uma propaganda tenaz, delicada, algumas vezes pela palavra, mas sempre pelo exemplo, pelo procedimento. Os verdadeiros espiritas, em geral, têm amor ao trabalho e ao cumprimento do dever, procuram despojar-se dos vicios e adquirir bons costumes e, não esperando *perdão sem reparação,* não roubam para não ser roubados, não difamam pessoa alguma, porque sabem que sofreriam direta ou indiretamente as consequencias desse crime, e assim procuram proceder em relação a todos os maus costumes. Procuram melhorar-se moralmente e, em geral, o conseguem.

Ora, despojando-se de muitos vicios e substituindo-os por alguns costumes mais de acordo com os ideais cristãos, os espiritas se sentem satisfeitos, isto é, *são felizes,* porque a felicidade eles a possuem dentro de si proprios.

— Admira-me o que o senhor me diz — declarou o dr. Ramos — pois, sobre o Espiritismo apenas tenho ouvido referencias desairosas: que é uma doutrina de consequencias desastrosas, uma superstição, uma loucura...

— Se o doutor quiser conhecer a doutrina espirita e avaliar por si mesmo o que ela é, deixarei em seus aposentos alguns livros, de

Allan Kardec, Léon Denis, Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, Paulo Gibier, William Crookes, Gabriel Delanne...

— Voltemos então para o hotel — interrompeu o ilustrado juiz — pois, quero hoje mesmo iniciar o meu aprendizado.

XIV

No salão do hotel

Alberto e o sr. Bernardino cumpriram a promessa que haviam feito ao dr. Ramos. No domingo, á tardinha, chegaram ao hotel do sr. Luiz Gomes, com Marieta e o sr. Flavio Coutinho e sua senhora, todos levando seus instrumentos, afim de proporcionarem ao dr. Ramos a audição de alguns trechos de musica.

Era um belo e harmonioso conjunto de flauta, violino, cavaquinho e dois violões.

Recebidos com a maior afabilidade pelo juiz, como pelo sr. Luiz Gomes e sua familia, instalaram-se num dos angulos do vasto salão e principiaram sem demora o seu modesto concerto, executando de modo impecavel o hino nacional.

Ao atacarem a segunda peça, o majestoso noturno *Le lac de Côme*, o salão regorgitava de ouvintes.

A's oito horas da noite, ou pouco mais, terminou o concerto, sendo oferecidos ás pessoas presentes doces e sequilhos.

Substituida a harmonia instrumental dos cinco amadores por animada palestra, o dr. Ramos a encaminhou para assuntos religiosos e pediu insistentemente a Alberto que dissesse alguma coisa acerca do Espiritismo, pois já o sabia seu dedicado propagandista.

Alberto, depois de certa relutancia, porquanto sabia estar o salão inteiramente cheio de pessoas de todas as classes, levantou-se e começou a falar:

"Nenhuma crença religiosa se baseia em factos tão concludentes como o Espiritismo. Nenhuma fala mais claramente á razão. Nenhuma está tão de acordo com os ensinamentos do Cristo.

"Ser espirita é fazer da caridade o seu guia; é ser paciente, humilde, tolerante, resignado, modesto.

"Ferido pela cegueira, passei meses entregue á mais desoladora tristeza, com assomos de revolta. Não compreendia os motivos

da minha desdita. E era infeliz, e me insurgia, porque me julgava vitima da mais clamorosa injustiça.

"Meu pai conduziu-me ao Espiritismo, fez-me compreender a lei das provações, falou-me das reincarnações, leu-me paginas de doutrinação belissima, com exemplos de admiravel eloquencia, e eu, espirita pela crença, não o podendo ser ainda pelo procedimento, encontrei nessa consoladora, nessa salutar doutrina, tudo quanto era necessario á minha felicidade.

"Admitido em sessões de estudo e, depois, em sessões práticas, reconheci ser medium vidente e essa videncia mais fortaleceu a minha crença.

"Talvez não possais compreender, meus amigos, o prazer imenso que me invade a alma, ao ver junto de nós, interessando-se por nós, procurando ser-nos uteis, os nossos amigos e parentes desincarnados ontem e que amanhã estarão outra vez entre nós, na luta constante pelo progresso. Quando, pela primeira vez, vi minha boa e carinhosa mãe junto de mim a me sorrir, a minha impressão foi tão grande, que por alguns minutos fiquei privado de falar, de descrever o que via.

"Imaginai um cégo vendo, mas *vendo* com os olhos da alma!...

"Hoje, sou inteiramente espirita, quanto á crença, e tenho esperança de ainda conseguir se-lo quanto ao procedimento, pois a Doutrina Espirita regenera os costumes, extirpa as mazelas da alma, extingue os mais arraigados vicios e conduz ao relativo aperfeiçoamento moral. Conheço individuos que, ignorando o Espiritismo, se entregavam ao alcool, se deixavam dominar pela paixão do jogo, tinham horror ao trabalho e não se pejavam de ser prejudiciais á familia e á sociedade e que, hoje, espiritas, são comedidos, probos e procuram no trabalho honrado a subsistencia propria e da familia.

"Os outros credos religiosos nada provam de quanto ensinam, ao passo que o Espiritismo prova o que ensina, apelando para o raciocinio, para o bom senso, tornando inteligivel a propria Biblia, assim como os Evangelhos, não raro trazendo os desincarnados como *provas vivas* da sobrevivencia da alma, da veracidade das comunicações entre os chamados vivos e os chamados mortos e da multiplicidade das incarnações.

"Sendo as reincarnações, como realmente

são, a pedra fundamental da Doutrina Espirita, permiti-me sobre esse ponto algumas rapidas ponderações.

"Deus, o Pai amantissimo; Deus, a perfeição infinita; Deus, o onisciente, o onipotente, o absoluto enfim em todas as perfeições, creou todas as almas que animam os corpos humanos neste planeta e em todos os outros.

"No nosso mundo existem, entretanto, as mais diversas variedades de filhos de Deus. Os brancos da Europa, os amarelos da Asia, os pretos da Africa, os vermelhos da America, os mestiços dessas quatro raças esparsas pelo mundo inteiro, cada qual conservando, de envolta com os apuramentos de uma raça mais perfeita, os estigmas de outras raças menos perfeitas. Tambem ha homens de inteligencia admiravel e homens boçais, que passam a vida sem nada compreender de quanto nos cerca: ha pessoas de admiravel beleza e individuos horrivelmente feios; ha os a quem a fortuna sorri constantemente e outros que atravessam a vida nos mais afanosos trabalhos, sem adquirirem, até o dia de sua morte, sequer, uma pobre choupana onde possam abrigar-se das intemperies.

"Porque tanta diferença entre os filhos do mesmo Pai?

"Ha, entre nós, pais de familia que cercam os filhos de todo o conforto, creando-os em verdadeiro fausto, e outros existem, na mesma terra, cujos filhinhos choram de fome.

"Conheço homens e mulheres de alma candida e pura, e outros conheço que mais parecem a incarnação da mentira, da hipocrisia, da maldade, da traição...

"Porque tanta diferença entre os filhos do mesmo Pai?

"E' que, creados todos simples, todos iguais, uns evoluiram mais do que outros, uns incarnaram mais vezes e progrediram, enquanto que outros, menos amantes do trabalho e do progresso, lutaram menos pelo bem, ou se deixaram dominar pelo furor do crime, donde estarem ainda nas condições mais deploraveis da escola espiritual."

Prosseguindo, disse ainda Alberto:

"Não é preciso remontemos aos Evangelhos, ao ponto onde se lê haver o Cristo dito que João Batista era a reincarnação de Elias, ou onde explicou que, para entrar no reino do céu, tem o homem de nascer e renascer

muitas vezes, afim de compreendermos a lei das reincarnações.

"Deveis ter observado que ha individuos propensos a uma ou outra arte, que aprendeu com relativa facilidade, o mesmo sucedendo quanto a linguas e ciencias. Não é de crer que em vidas anteriores esses nossos irmãos souberam essas artes, falaram essas linguas, estudaram essas ciencias?

"Contou-me um amigo que, ensinando musica a um rapazinho de 12 anos, observou, ao fim de pouco mais de dois mezes, que o seu aluno escrevia a harmonia de qualquer trecho musical, mesmo o mais dificil de ser harmonizado, coisa que o mestre não sabe fazer. Esse mocinho tornou-se em pouco tempo excelente compositor e regente, fazendo da musica sua profissão, com a maior competencia.

"Negar as reincarnações é descrer da bondade e da justiça de Deus."

•

"Tão conhecidas são hoje estas verdades e tão estudado tem sido o Espiritismo nos ultimos tempos, que podemos, sem receio de erro, asseverar a existencia de muitos milhões

de crentes dessa consoladora doutrina em todos os países cultos.

"Creio firmemente que, quanto á crença religiosa, podemos dividir os individuos em dois grupos distintos: os espiritas e os que não conhecem o Espiritismo.

"Não me refiro, quando digo "espiritas", somente ás pessoas que se declaram crentes, frequentam sessões de estudo e práticas, assinam jornais e revistas espiritas e propagam a doutrina. Ha verdadeiros crentes que nada disso fazem. Modestos e acanhados, humildes e temerosos, chegaram ao Espiritismo pelo caminho do estudo, senão do sofrimento fisico ou moral; mas, o receio de perseguições os obriga ao silencio. Considero-os entre os milhões de crentes a que aludi.

"Alguem dirá, contestando-me, que inumeros individuos ha que conhecem o Espiritismo e são inimigos dessa doutrina: os padres catolicos. A quem assim me quiser contestar, porém, desde já responderei: tão fracos são os argumentos que apresentam esses adversarios e tantos os erros que artibuem á nossa crença em seus escritos e predicas, para forjarem motivos de combate-la, que podemos asseverar desconhecerem o Espiritismo. Não

o estudaram nos livros dos mestres, não lhe confrontaram as lições com os textos biblicos, nem com os dos Evangelhos do Cristo, não o praticaram jamais, não o conhecem afinal. Ouviram falar de Espiritismo, do diabo, contaram-lhes casos de magia negra, de fakirismo, de feitiçaria propriamente dita, de macumbas, de crendices de origem africana, e eles se julgaram e julgam, por isso, conhecedores do Espiritismo, ou, o que é mais grave, se fingem conhecedores do Espiritismo.

"Alguns, mais modestos, se contentam com atacar as pessoas, isto é, com o insultar os espiritas e suas respectivas familias...

"Quanto aos leigos do catolicismo, que fazem propaganda contra a crença espirita, como podem combater o que tambem não conhecem e como poderão estar a par do Espiritismo, se a leitura de livros espiritas lhes é proibida?

"Permitam-me, agora, falar um pouco da regeneração do homem pela crença espirita.

"Sabemos, e sabemos com certeza matematica, que sofreremos as maleficas consequencias de todos os crimes que cometemos, em caso algum havendo perdão sem expiação

"Ora, assim sendo, sofrerei na minha for-

verso e valiosas composições musicais. Em todas as suas obras ha uma finalidade superior de reeducar o homem para uma vida mais feliz. Deixou pronta uma grande obra patriotica ainda não impressa, com o titulo BRAZ PIRES na qual reuniu historia e lendas da região de Minas Gerais em que passou a vida. Seu patriotismo é construtivo, elevado, isento de qualquer ofensa ás outras patrias.

Este é o primeiro de seus trabalhos que se imprime em forma de livro. Todos os outros estão ineditos, ou só apareceram na imprensa periodica.

Aqui damos a pequena novela "FELICIDADE", seguida de alguns versos. Duas pequenas amostras de uma obra imensa que será reunida e publicada futuramente, se Deus assim o permitir.

ISMAEL GOMES BRAGA.

Rio, Junho de 1940.

A Felicidade

I

ALBERTO

Todos o conheciam e estimavam na séde do distrito de Nova Aliança, onde residia e onde tinha nascido, e mesmo pelas circunsvizinhanças do povoado contava ele numerosos amigos.

E Alberto merecia essa consideração e essa estima. Era um belo joven, um moço distinto.

Ao começar esta narrativa, achava-se ele com vinte anos de idade. Alto, robusto, varonil, estava justamente na epoca da existencia em que mais nos afagam risonhas esperanças. Seus grandes olhos pretos demonstravam, ao mesmo tempo, vivacidade, energia e doçura, e frequentes vezes se humedeciam de lagrimas

tuna, se for ladrão; morrerei de morte violenta, se assassinar alguem; a deshonra me entrará no lar, se concorrer para a deshonra alheia; tudo isso sofrerei, pagando o juro do remorso, coberto de vergonha, dominado pelo arrependimento.

"Em todos os credos religiosos antigos, o suicidio é muito comum. O espirita não pode suicidar-se por motivo algum, por mais duros que sejam os seus sofrimentos, pois sabe que lhe será preciso encetar de novo a mesma provação, passar novamente pelas mesmas dores.

"O espirita não se exaspera nunca, porque sabe ser justo e merecido todo o seu sofrimento. Se vê deserto o seu lar, ao envez de se vingar, perdoa, compreendendo que em vida anterior foi a causa do desmoronamento de algum lar. Se seus filhos têm fome, trabalha e resigna-se, compreendendo que em outra existencia concorreu para a miseria de alguma familia. Se não foi compreendido pela sociedade, ou se foi caluniado, insultado, despresado, se lhe negaram justiça, se lhe desconheceram o direito, o espirita verdadeiro reconhece que assim procedeu noutra existencia, condenando a inocencia e exaltando o egoismo, a ambição, o orgulho, o poderio.

"O crente da nossa doutrina é sempre resignado no sofrimento moral, paciente nas dores fisicas, cheio de esperanças quanto ao futuro, mais propenso ao perdão e ao esquecimento das ofensas do que ás represalias, sentindo-se não raro feliz nesta mesma existencia.

"Sou um exemplo de quem, no meio de sua pobreza e do seu sofrimento, isto é, da sua provação, encontrou a felicidade nesta vida.

"Imaginai que grande infortunio o de um moço que, aos vinte anos de vida, perde a vista, quando tinha a alma cheia de esperanças e o coração cheio de amor.

"Renunciar ao amor, substituir cada esperança por uma desilusão, deixar o trabalho produtivo pela tristeza da mendicidade e apresentar á sociedade o pranto do infortunio a substituir o riso franco da juventude, eis o que me restava, eis o que me cabia.

"Mas, a crença espirita me veiu modificar a vida. Meu pai me ensinou, aos poucos, essa consoladora doutrina e por ela compreendi ser necessario o meu sofrimento, ser justa a minha provação. Voltei ao trabalho e, para algumas secções da nossa arte, reconheci poder ser util. Um confrade me convidou a tentar outra e

nessa achei compensação material ao meu labor.

"Desse modo, encontrei um certo prazer no sofrimento, sabendo corresponder ele ao pagamento de uma parcela de antigos debitos, e obtive a certeza de não me faltar jamais, com o amparo da Divina Providencia, o pão material que nos sustenta o corpo.

"Que Deus, em sua infinita bondade, permita a todos os meus irmãos sofredores, como mo permitiu a mim, ser felizes, muito felizes, professando a crença espirita, mesmo no decorrer desta existencia.

"Que Jesus, o Divino Mestre, permita que os nossos guias espirituais tenham exito em seus esforços por levar a compreensão da verdade a todos os que sofrem.

"Que os nossos protetores do espaço, os nossos dedicados amigos do Além consigam trazer a cada alma que geme, a cada coração que sangra, o conforto que me trouxe a doutrina espirita e que todos os infortunados de hoje encontrem nela, como eu encontrei, a paz, o consolo, a resignação, a alegria, a esperança, a fé, a felicidade, enfim.

"Esse o meu mais ardente desejo."

Poesias

A DOR

(Para meu sobrinho ISMAEL GOMES BRAGA)

Quando a vida nos corre em sonhos côr de rosa,
E temos dentro dalma um mundo de esperanças,
— Cabelos de azeviche em nossa fronte airosa,
Nos labios a explodir o riso das crianças —
Cada dia de vida é um dia de prazer,
No indomavel desejo imenso de viver.

A crença em outra vida, a fé, não nos importa,
Se esperamos do mundo a ideal felicidade,
Nem pensamos em ver uma esperança morta
Quando um sonho de amor o coração invade.
E assim vemos o tempo, impavido, passar,
Sem nunca nos sorrir a crença em nosso lar.

De onde viemos nós, e para onde vamos,
Após a luta ingente aqui sobre este mundo,
E' o problema vital de que não cogitamos,
Dos prazeres da terra em manancial fecundo.

Não nos importa, pois, compreender um dia
As doçuras da fé, o ideal da caridade,
Se a existencia desliza em lucida alegria,
Sem nascer o menor pezar que nos enfade.

Mas eis que o nosso corpo inclina-se, alquebrado,
Faltando-lhe vigor, fugindo-lhe a saude,
E instala-se a incerteza, altiva, ao nosso lado,
E vemos a extinguir-se a breve juventude.

Um ente idolatrado evola-se ao empireo,
Um outro se extenua e sofre moralmente,
A pobreza nos vem causar novo martirio,
E vão desilusões surgindo-nos em frente.

Contra nós a calunia aguça suas garras,
E ceva-se na sombra a atroz maledicencia,
Negando-nos até pessoas mais bizarras
Um nada de atenção, um pouco de clemencia.

Dos amigos de outrora faltam já não poucos,
— Uns ocultos na morte e alguns no esquecimento,
E das aspirações e dos desejos loucos
Nenhum vestigio resta a nos trazer alento.

E a miseria rondando em torno a tantos lares,
E a fome ameaçando a vida ao proletario,
E a triste enfermidade — espetros seculares
Mostrando do hospital o pobre itinerario...

Tudo isso é simplesmente a dor, que nos visita,
Matando-nos, em flor, esperanças e anseios;
E' o negro sofrimento, a esquálida desdita,
Que nos traz a impaciencia, a revolta, os receios...

Mas desse estado então, de dor, de desalento,
Vendo o prazer do mundo inacessivel, morto,
Volvemos para Deus o nosso pensamento,
E encontramos na crença o lidimo conforto.

No estudo dessa grande e salutar doutrina
Que justifica a dôr nos erros do passado,
Vastissimo horizonte o adepto descortina,
Com toda a intensa luz do ensino comprovado.

O estudo da doutrina espirita reanima,
Consola, fortalece, eleva, instrue, acalma:
Ele nos ilumina a estrada, e mostra, acima,
Como pode subir e melhorar uma alma.

Se foi, portanto, a dor, quem deu-nos a verdade
Sobre a existencia da alma a eternas leis submissa,
Provando-nos que em quanto aflige a humanidade
Nunca existiu o acaso, e apenas ha justiça,
— Bemvinda seja a dor, que á crença nos conduz,
Através da doutrina excelsa de Jesus!

Se ela nos deu a calma, a confiança, a crença,
De esperanças enchendo um ente acabrunhado,
E em si mesma faz ver, como ventura imensa,
Somente provações dos crimes do passado,
— Bemdita seja a dor, nos vastos surtos seus,
Pois ela traz a luz e nos eleva a Deus!

*

Irmãos e amigos meus! Se o sofrimento
Transpuser os umbrais do vosso lar,
Não levanteis aos céus vosso lamento,
Nem ouseis contra a sorte blasfemar:
São erros de um passado turbulento
Que ele quer reparar.

Nessa noite trevosa do passado,
Quantos erros deixâmos de remir!
E quantos cometemos no agitado
Correr de anos que vimos submergir,
— Fantasmas que nos seguem lado a lado
Na senda do porvir!

Quantas vezes — quem sabe? — já tivemos
Acerado punhal em nossas mãos,
E, levados aos ultimos extremos
De sentimentos vis, de odios malsãos,
Com essa arma covarde acometemos
Nossos proprios irmãos!

Irmãos e amigos meus! Se o sofrimento
Não traz comsigo o mal — não o olvideis,
Ele evoca um preterito sangrento
De crueldades, postergando as leis,
Pois já possuimos talvez por ornamento
A purpura dos reis.

Dispondo de poder, dominio, mando,
A injustiça fizemos triunfar;
Ou fizemos, em trafego execrando,
A escravidão surgir e se alastrar;
Ou vivêmos, corsarios, infestando
A placidez do mar.

Era preciso sermos, em seguida
Aos seculos de mando e de esplendor,
Os pobres da jornada dolorida
De um trabalho jamais compensador,
Ou mendigos famintos, toda a vida,
De pão, e luz, e amor.

E quanta compaixão divina, oh! quanta,
Nessas imprescindiveis mutações!
E' a lei da justiça eterna e santa,
A inapelavel lei das provações,
Que pela dor nos guia e nos levanta
Do lôdo das paixões.

*

Irmãos e amigos meus! Se o sofrimento
Transpuser os umbrais do vosso lar,
Não levanteis aos céus vosso lamento,
Nem ouseis contra a sorte blasfemar:
São crimes de um passado lutulento
Que ele vem resgatar!

Março de 1934.

MINHA LIRA

(A JACQUES BONHOMME)

Louvem outros, no verso, efemeras grandezas,
Na politica altiva e na fortuna audaz,
Desses entes que são de glorias vãs as presas,
Junto dos quais — ho! Deus! — quanta miseria jaz!

Cantem outros, no verso, as glorias de um só dia,
Cada qual a julgar-se uma gloria sem par,
Um astro a deificar, que jamais irradia,
Se ao longe um novo sol vê surgir e brilhar.

Louvem outros, sem pejo, os herois do dinheiro...
Louvem quem tem nas mãos um dominio fugaz,
Endeusando a ambição no poder altaneiro,
Que nas trevas se eleva e nas trevas se apraz.

*

Mas eu, meu velho amigo,
De idéias sou mais altas:
O ouro não divinizo e nem canto o poder,
Temendo no primeiro o pranto do mendigo,
E no segundo vendo faltas
Que a sociedade e a lei mais tarde hão de abater.

Se, da lisonja ás bordas,
Em plena hipocrisia,
Um dia me induzisse algures a cantar
A minha rude lira em suas rudes cordas,
Eu a desprezaria,
Por ve-la bolorenta, imprestavel, vulgar.

*

Ao contrario, porém, serei o teu poeta,
Meu grande e velho amigo,
E em ti sintetisando o popular esteta,
Sempre estarei contigo.

Entra, como Gavroche, em nossa casa, a rua,
E ouve o primeiro canto,
Que em minha humilde lira, ufana por ser tua,
Ao teu valor levanto.

Trabalha, estuda, instrue-te, e adquire, lento e lento,
Um nome de cientista,
E eu em versos irei proclamar o teu talento,
De conquista em conquista.

Ou escolhe o pincel, ou o buril, ou o violino,
Uma arte cultivando,
Que em soneto irei teu éstro peregrino
A's turbas revelando.

Ou toma a pena e corre a defender o povo,
Nas batalhas da imprensa,
E hei de logo te erguer um grande canto novo,
De gratidão imensa.

*

Procura amar depois uma joven mui bela,
E, sendo dessa diva intensamente amado,
Casa-te então com ela,
Numa tarde de abril, em risonho noivado,
E desde já supõe, imagina, avalia
O vosso epitalamio alegre desse dia!...

Se alguem te quiser mal, serei teu paladino,
Fazendo-te defesa e fulminando tramas,
E em estilo ferino
Aduzirei razões em odes e epigramas,
Em qualquer emergencia achando-me a teu lado
Como teu companheiro e defensor ousado.

Tudo entretanto tem, sobre este mundo, um termo,
E ninguem desse fim horrendo não se isenta:
Tu ficarás enfermo,
E morrerás depois, numa agonia lenta...
— Pois eu irei então, na tua louza fria,
O epitafio gravar-te em funebre elegia!

Dos tempos, pois, de agora, á escuridão da morte,
Como ha lagrimas e riso, e desdita e ventura,
Nas mutações da sorte,
Até nos dias maus da tua sorte escura,
Para que sob a dôr provavel não te oprimas,
O conforto terás de minhas toscas rimas.

*

Mas a minha fraqueza avisa-te, bem antes,
Que nunca, em tua vida, espero te ocorrer
O desejo de ser um desses dominantes
Que a mentira e a traição elevam ao poder.

Ou de tornar-te um dia o rico, o potentado,
A quem curva-se a lei e rende preito o Estado.
Se o fores, não terás meus versos... Nunca! Nunca!
Eu tenho, em minha lira, o mais sagrado horror
A' cobiça, que sempre estende a garra adunca
Sobre as migas do pobre em seu arduo labor,
E a esses montões de ouro, essas fôfas grandezas,
E essas pilhas de ações de rábidas empresas.

Se o fôres, não terás meus versos. Minha lira
Canta o que é belo e nobre, e só no bem se inspira,
Não louvando o poder quando a traição o obumbra,
Nem o rico que nega uma côdea de pão,
Nem o vate em cujo êstro alguem sempre vislumbre
Algum calculo oculto e alguma... adulação.

(*) Na dedicatoria — "A Jacques Bonhomme" — refiro-me ao povo, ao povo pobre e humilde, personificado nesse nome por Eugenio Sue, em uma de suas monumentais obras, povo que, cansado de sofrimentos e opressão, erguia-se em suas celebres *"jacqueries"*. — A. G.

HISTORIA ANTIGA

Na terra onde eu nasci, um velho povoado,
Outrora conheci um grande cão malhado,
Sem coleira e sem lar, sem canil e sem dono,
Que era visto, de noite, em completo abandono,
Horas, horas a fio, a ladrar tristemente,
O sono perturbando áquela boa gente.

Mal fechava o comercio, á noite, algumas portas,
E havia menos luz naquelas ruas tortas
Que dão á principal e alta praça dali,
Vinha chegando o cão — muitas vezes o vi —
Subindo, vagaroso, a sós, acautelado,
Para o largo central do vasto povoado,
E ali ficava então, lugubremente uivando,
No atrio de um grande templo, e indo de vez em quando
Aos muros apoiar as patas dianteiras,
A ladrar continuando, horas, horas inteiras.

Passava a noite assim, fosse ela quente ou fria,
Fôsse clara ou chuvosa. Onde passava o dia,
E onde ele ia encontrar uns parcos alimentos,
E onde depois gozar iria, por momentos,
Sono reparador,
E' o que não sei dizer, nem o posso supôr.

Eu ficava a cismar ás vezes, longamente,
Porque ladrava sempre o cão a toda a gente.
— Se ele nos insultava, eu ignoro-o, mas creio
Não ter jamais havido o minimo receio,
Pois se era insulto, ao povo é que ele o dirigia.
Talvez fosse, porém, profunda nostalgia
A dôr daquele cão,
Sem arrimo a viver naquela solidão.

Escoam-se estações de invernos rigorosos,
E ele sempre a ladrar, á noite, anos inteiros,
Raras vezes detendo, em uivos mais raivosos,
As crianças somente e uns poucos forasteiros.

Nas queixas contra quem nenhum mal lhe fizera,
Chego a crer cruciante e antiga dôr moral,
Demonstrada na sua atitude de féra,
Ser o castigo atroz do misero animal.

Era grande e malhado
De branco e pardo-escuro,
Ar sombrio e feroz, pêlo curto e eriçado,
Magro, esguio, anguloso, o olhar obliquo e duro.

Mas afinal morreu. Um homem traiçoeiro,
Funcionario do fisco, esqualido aguazil,
Deu-lhe um dia a comer um bolo de tal cheiro
Que nele propinou-lhe um toxico sutil.
Naquele tempo havia, pois, homens ferinos,
O terror dos caprinos
E de outros animais
Achados a vagar nas ruas principais,
E envenenavam cães que achassem sem dono
Ou latissem á noite a roubar-nos o sono.

Mas o cão de que falo era um cão infeliz,
Que á noite ia ladrar no largo da Matriz,
Merecendo o conceito
De ser inofensivo. E o povo estava afeito
A ouvir-lhe toda noite em queixas ou insultos,
Os bramidos estultos.

Tive pesar por isso ao ve-lo agonizante,
E muito coração vibrou comigo acorde,
Pois a sabedoria antiga nos garante:
"Cão que ladra não morde".

•

Ha tantos anos já que eu guardo na memoria
O facto que origina a minha narração,
Que não sei explicar porque hoje escrevo a historia
Daquele pobre cão.

EM UM RETRATO

(A José Nogueira Chagas)

A minha fotografia
Vais agora receber,
Mas, em vez do adolescente,
Um velho nela has de ver.

E' que o tempo, neste mundo,
Tudo transforma e desfaz:
A mocidade, a alegria,
Tudo entre nós é fugaz.

Mas eu não sofri mudança
Nem um pouquinho sequer,
No coração, inda o mesmo,
Que sempre e muito te quer.

RESPOSTA

(A um amigo)

Perguntas porque vês-me hoje em silencio
No arremedo de lira ouvido outrora,
E se não me é possivel arrancar-lhe
Mais um canto, da corda mais sonora.

Admiras esse azul do céu da tarde,
Nessas tardes magnificas de maio,
E perguntas porque, de tal beleza,
Nem simples descrição agora ensaio.

E eu sofro, e de saudades emudeço,
A mudez do que chamas minha lira,
Pois quem sabe o que sente, quando, ás vezes,
A mente dorme e o coração aspira?

Pergunta á flor que pende, emurchecida,
Quasi sem vida, na haste desnudada,
Porque não se levanta, altiva, airosa,
Cheia de aroma, de beleza ornada.

A' ave que vês, a sós, silenciosa,
Como lembrando morta companheira,
Manda-lhe erguer a voz encantadora
E alçar o vôo rapido, altaneira.

— Falta-me — a flor dirá — uma caricia
Do berço onde nasci; falta-me o beijo
De uma gota de orvalho e do favonio
Falta-me ouvir o costumado harpejo.

— Falta-me — a ave dirá — a companheira
A quem eu dedicava a minha vida,
E eu sofro, e de saudades emudeço,
Por não lhe ouvir a voz enternecida.

Mas a mim, nem sei mesmo o que me falta...
Talvez seja, porém, um peito amigo,
No qual palpite um coração amante
Que venha, junto ao meu, sofrer comigo.

O coração do sonhador é a haste
Que o vento hostil da solidão agita...
E' pobre sensitiva, é flor que morre
Ao sopro impiedoso da desdita.

E ao findar-lhe, mais tarde, o sofrimento,
Com a vida, que aliás dura tão pouco,
A sociedade pensa em inscrever-lhe
Na lage fria: "Jaz aqui um louco".

ante o infortunio alheio. A sua bondade natural lhe conquistava amigos, assim como a sua inteligencia não vulgar lhe atraia admiradores.

Alberto era ferreiro. Vivendo na casa paterna, trabalhava na oficina do pai, auxiliando-o nos trabalhos comuns do lugar, em geral ferramentas da lavoura. Noutras ocasiões, porém, dedicava-se, a sós, a obras menores, que exigiam a paciencia e a habilidade proprias da juventude.

Trabalhando, fazia da sua modesta oficina uma casa feliz — tão pura era a sua alegria. Cantava, não raro, quando a sós, ou, mesmo no trabalho, conversava com os amigos que o procuravam, risonho como uma criança, ativo como um passarinho.

A' noite, quando o comercio começava a fechar as portas e o silencio ia a pouco e pouco substituindo os ruidos do dia, Alberto, eximio amador de violão, instrumento predileto do interior de nossa terra, tocava durante algum tempo, com pericia, belos trechos de musica, ou entoava canções cheias de vida e de atrativo.

Mas, de certo tempo em diante, passou a cantar menos e nas suas canções, em vez das

notas álacres e saltitantes das anteriores, havia uma vaga tristeza, uma como que imprecisa aspiração mesclada de receios tambem vagos.

O motivo dessa transformação era ter ele entrado numa fase nova da vida: amava.

Voltando de uma fazenda distante do povoado alguns kilometros, onde passara um domingo em visita a parentes, poude demoradamente ver Marieta, interessante menina de dezeseis primaveras, de formosura rara, modestamente oculta entre os multiplos trabalhos roceiros e entre as altas arvores frutiferas da pequena propriedade agricola dos pais, á pequena distancia do povoado.

Tinham-se já encontrado algumas vezes, ele num mutismo de quasi adoração e ela com o seu sorriso de simpatia e de bondade a entreabrir-lhe os rosados labios. Certo dia, porém, falaram-se, trocaram idéias e ambos compreenderam que o amor os atraía um para o outro.

Pouco depois, em novo encontro, uma declaração formal enchia de promissoras esperanças os dois jovens. Marieta iria levar á casa, quasi vasia, de Alberto e de seu pai, o arranjo domestico que somente mãos femini-

EM UMA FOTOGRAFIA

(A José Gomide)

Não te escapa, com certeza,
No retrato aquí presente,
Algo de vaga tristeza
Que nesse rosto se sente.

Pois sinto-me sempre a presa
De saudade tão ardente,
Que da sorte essa crueza
Justo é que aí represente.

E faz-me a grande saudade,
Que todo o meu ser invade,
Invejar este cartão:

Ele vai falar contigo,
E levar-te o adeus do amigo,
Um como amplexo do irmão.

A MULHER

I

Quando Deus atirou no imenso espaço
Esta centelha mais do seu poder,
Sobre a nova migalha do infinito
O homem primeiro fez aparecer.

Depois pensou Jehová: "E' necessario
"Formar um ente ao homem semelhante,
"Mas tendo o coração como o de um anjo,
"Que a toda creação enleve, encante."

E os olhos divinos abaixando,
Formou das suas obras o ornamento:
— Fez a mulher, modelo de beleza,
De uma nesga do azul do firmamento.

II

E' por isso que vemos, na mulher,
O olhar tão meigo como o azul celeste.
O ornamento das obras do Senhor
Da propria luz divina se reveste.

III

Depois olhou Jehová o espaço imenso,
Longinquos horizontes ao nadir,
E viu luto, e saudade, e dôr, e pranto,
E da ventura o magico sorrir.

E então formou, para a mulher, uma alma,
Do mendigo no misero sudario,
No luto da viuvez e da orfandade,
Na lagrima do triste proletario.

E Deus disse á mulher: "O teu destino
"Será sempre, na terra, nobre e santo,
"Pois sendo esposa e mãe, e sempre amando,
"Tu sofrerás, sustendo o alheio pranto.

"Serás o anjo do lar, e amando e crendo,
"O apostolo sublime do perdão,
"Bastas vezes, no entanto, em tua vida,
"Tendo martir do amor o coração".

IV

E' por isso que vemos a mulher,
A's vezes, ocultando magua intensa,
Como um anjo divino, a propagar
O perdão, a esperança, o amor, a crença.

OUTRO MUNDO...

Vem ver... E' um baile, e no salão de danças
Ha sublime prazer, doida alegria:
Todos se fazem gárrulas crianças
Quando o calor das valsas inebria.

Ouve... Mais longe, alguem as esperanças
Eis que afaga em torrentes de harmonia:
Diriamos um nauta, em ondas mansas,
Tendo a mulher amada por seu guia.

Mas vem comigo, a conhecer, surpresa,
Quão profundo pezar, quanta tristeza,
De um coração que sofre faz jazigo.

E assim não negarás, sabendo, agora,
Que uma alma em frente a tanto riso chora,
A' minha alma em tua alma um doce abrigo.

"NEM SO' DE PAO VIVE O HOMEM..."

Se ha no mundo quem sente a mão severa
Da desgraça embargar-lhe os tardos passos,
E se ao misero a dôr dos membros lassos
O pão da caridade refrigera;

Um coração que em dôr se dilacera,
E á desdita está preso em duros laços,
Encontra lenitivo entre os braços
Da estima, da afeição firme e sincera.

E se a esmola de pão salva o mendigo
De um sofrer que dos crimes o caminho
A's vezes iminente traz consigo,

Pela esmola de afeto e de carinho,
No coração que sofrer, um ente amigo
Sabe á ventura erguer risonho ninho.

VIDA ETERNA

(Ao melro do Corrego Alegre)

Tudo está diferente, agora, nesta estancia,
A meio da montanha, entre flores, erguida:
Nem a vegetação tem a antiga fragrancia,
Nem tem da passarada o canto a mesma vida.

Emigram de certo, em busca de outros climas,
Demandando outros céus, as aves mais canoras,
Onde possam ouvir, das arvores nas cimas,
Harmonias sutis, doces vozes sonoras.

Pois somente encontrei, agora, nesta estancia,
A meio da montanha, entre flores, erguida,
Em musica — o gorgear e o riso bom da infancia,
E de um melro cativo a voz enternecida.

Não canta mais a flauta, os violinos não gemem,
Os bandolins não dão risonha melodia,
Não bailam no ar canções que em labios rubros tremem,
Nem derramam violões torrentes de harmonia.

Se não cantar o melro, ha quinze anos detido,
Nem palrar a inocencia, o silencio é profundo,
Por soluços de um môcho, á noite, interrompido,
Sem a musica, a imensa alegria do mundo.

A musica afugenta o temor e a tristeza,
Ou enche os corações de nobres sentimentos,
Como a longa mudez reveste a natureza
De uma vaga ansiedade e receios cruentos.

E aqui os bandolins não soltam mais seus trinos,
A flauta emudeceu, violões jazem calados,
Canções não se ouvem mais, calaram os violinos...
— No silencio da noite ha temores alados!

Mas tu, oh! velho melro, ha quinze anos cativo,
Desde que surge o sol, ao longe, no horizonte,
E até que a noite vem, num trino alegre e vivo,
Alças, não raro, a voz, alçando a altiva fronte.

Nessa alegria sã, nessa alegria moça,
Mesmo quando a velhice extrema se avizinha,
A qualquer pensador que aqui teus cantos ouça
Parecerá que tens uma alma irmã da minha.

Tu és velho e eu sou velho, e és, como eu, prisioneiro (*),
E cantas entretanto, altiva, alegremente,
Saudando a luz do dia, em seu sorrir primeiro,
Até rolar o sol nas brumas do ocidente.

Compreendes, talvez, a poesia, a beleza,
De quanto neste mundo e pelo espaço existe,
E cantas, sem sentir da sorte uma aspereza,
E sonhas, sem crear um pensamento triste.

Compreendes, talvez, que a Vida nos espera,
Uma Vida sem fim, pela amplidão imensa,
Por onde, em cada luz que vês, gira uma esfera,
E em cada sêr que vive uma alma vibra e pensa.

Eu tambem tenho a mesma alegria radiante,
Pois minha alma inda é moça, assim como o é a tua,
E ambas hão de ir gozar a ventura brilhante
Que a juventude eterna amolda e perpetúa.

E' por isso que tu, num florido recanto,
Onde a musica falta e o silencio é tristonho,
Trinas, deixando um riso alegre em cada canto,
E eu versejo, deixando em cada estrofe um sonho.

Corrego Alegre, Ubá, 27-9-1931.

(*) O poeta era paralitico e por isso prisioneiro. Passava a vida preso a um banco de rodas, que por mãos alheias era levado para a oficina, para a sala de refeições, para o dormitorio, etc. O melro aqui cantado já desapareceu, tambem, do nosso mundo, pouco antes do cantor.

I. G. B.

DESVENTURA

(AO DR. ASCANIO DE PAULA MONCLAR)

E' uma grande tristeza o que me aflige a mente,
Se um longo olhar dirijo ás vezes ao futuro,
E uma esperança, em vão, dentro dele procuro.
E' uma grande tristeza, uma dôr inclemente.

E quando, apreensivo, espraio, tristemente,
Perscrutador olhar ao meu porvir escuro,
Em duro desengano um fim bem prematuro
Julgo avistar, além, naquela noite algente.

Dizem haver um Deus de paternal bondade,
Mas a desdita atroz todo o meu sêr invade,
E o implacavel temor não se afasta de mim...

Nem consigo, sequer, uma vaga esperança
Agora conceber, de um dia de bonança,
No tormentoso mar da vida ir ter enfim.

Viçosa, 7-10-1898.

Este soneto, cujo manuscrito encontrámos entre os papeis de Abel Gomes, revela o estado d'alma do poeta antes de conhecer o Espiritismo e permite ao leitor observar a transformação que a doutrina operou na vida desse homem. — Tivemos ocasião de testemunhar pessoalmente essa transformação no convivio ininterrupto com o poeta. — I. G. B.

A PAZ

(Ao DR. PIO MARTINS MARQUES VENTANIA)

Quando eu cismava, outrora, em busca da verdade
Sobre as coisas do além, e então meu pensamento
Quedava-se naquele estudo austero e lento,
Salvou-me a voz da fé, a voz que persuade.

E os livros, que estudei, em santa caridade
Fizeram-me sorrir do proprio sofrimento,
E ver, na vida humana, apenas um momento,
Simples ponto somente a par da imensidade.

Demonstrando a razão da dôr que nos tortura
E inspirando-me a fé, trouxeram-me a ventura
As sublimes lições desses amigos meus.

Entre eles, Léon Denis, filosofo inspirado,
Justifica o presente em factos do passado,
Pressupõe o futuro e fala-nos de Deus.

Rodeiro de Ubá, 10-5-1916.

A FE'

(Ao DR. JOÃO [BA]PTISTA DA SILVA)

Deus é bondade e amor. Toda a minha desdita
Fundiu-se, á luz da fé, numa ventura imensa!
E é belo de se ver como ao surgir da crença
Quanto conforto desce á creatura aflita.

Longo tempo sofri. A mente, circunscrita
A' dor que a mesquinhez da fé crêa e condensa
Gemia sem cessar, sob a duvida intensa,
No desanimo atroz que abate e infelicita.

Mas hoje sou feliz. Em cada dôr sofrida
Uma parcela mais parece-me vencida
De uma falta longinqua, um delito opressor.

Cada dia passado é uma esperança nova,
E em cada dôr vencida é vencida uma prova
Da verdade que diz — Deus é bondade e amor.

Porto de Santo Antonio, 4-11-1931.

FRAGMENTOS DE HISTORIA PATRIA

Vai longe esse tempo. Um povo havia
Sob a mais desditosa barbaria.

Vivendo sempre numa guerra intensa,
Vagava, aos bandos, na região imensa,
Onde, agindo a natureza com desvelo,
Tudo fizera grande, e rico, e belo.

Eram tribus ferozes e aguerridas,
Estiolando-se em lutas fratricidas,
E ensanguentando o solo generoso,
Onde as ervas rasteiras
E as gigantes palmeiras
Têm o mesmo verdor esplendoroso.

Não tendo naus, nem templos, nem cidades,
Nestas terras uberrimas e imensas,
Tinha esse povo falsas divindades,
E assim, abandonado a estultas crenças,
E afrontas conservando na lembrança,
Deleitava-se no odio e na vingança.

Chega um dia, porém, um povo ousado,
Da Peninsula Iberica atirado.
Eram filhos do reino lusitano,
Que cruzavam as ondas do oceano,
Trazendo erguido o lábaro da cruz,
Ao pé do qual o gladio tremeluz.

Os selvagens, valentes e aguerridos,
Erguendo-se em colericos rugidos,
Ao embate tremendo,
Vêm, de todos os lados,
Mas em vão seus direitos defendendo,
São ao poder dos lusos subjugados.

Mais tarde, foi trazida estranha gente,
Gente sem luz, e negra como a noite,
Das terras onde o sol é mais ardente,
Para o ludibrio misero do açoite.

Da traição mais iniqua inerme presa,
Sob o azorrague vil e deshumano,
Vinha trazer aos campos a riqueza,
Com seu esforço, o seu trabalho insano.

Eram filhos talvez da Libia adusta,
Do Egito, de Guiné, do Congo ardente,
— Raça humilde, mas válida e robusta
Povo inculto, mas livre e independente.

E de dois povos nomados e bravos
Assim se fez uma nação de escravos!

A PAZ

(Ao dr. Pio Martins Marques Ventania)

Quando eu cismava, outrora, em busca da verdade
Sobre as coisas do além, e então meu pensamento
Quedava-se naquele estudo austero e lento,
Salvou-me a voz da fé, a voz que persuade.

E os livros, que estudei, em santa caridade
Fizeram-me sorrir do proprio sofrimento,
E ver, na vida humana, apenas um momento,
Simples ponto somente a par da imensidade.

Demonstrando a razão da dôr que nos tortura
E inspirando-me a fé, trouxeram-me a ventura
As sublimes lições desses amigos meus.

Entre eles, Léon Denis, filosofo inspirado,
Justifica o presente em factos do passado,
Pressupõe o futuro e fala-nos de Deus.

Rodeiro de Ubá, 10-5-1916.

A FE'

(Ao dr. João Baptista da Silva)

Deus é bondade e amor. Toda a minha desdita
Fundiu-se, á luz da fé, numa ventura imensa!
E é belo de se ver como ao surgir da crença
Quanto conforto desce á creatura aflita.

Longo tempo sofri. A mente, circunscrita
A' dor que a mesquinhez da fé crêa e condensa
Gemia sem cessar, sob a duvida intensa,
No desanimo atroz que abate e infelicita.

Mas hoje sou feliz. Em cada dôr sofrida
Uma parcela mais par[illegible]-me vencida
De uma falta longin[illegible], um delito opressor.

Cada dia passado é uma esperança nova,
E em cada dôr vencida é vencida uma prova
Da verdade que diz — Deus é bondade e amor.

Porto de Santo Antonio, 4-11-1931.

FRAGMENTOS DE HISTORIA PATRIA

Vai longe esse tempo. Um povo havia
Sob a mais desditosa barbaria.

Vivendo sempre numa guerra intensa,
Vagava, aos bandos, na região imensa,
Onde, agindo a natureza com desvelo,
Tudo fizera grande, e rico, e belo.

Eram tribus ferozes e aguerridas,
Estiolando-se em lutas fratricidas,
E ensanguentando o solo generoso,
Onde as ervas rasteiras
E as gigantes palmeiras
Têm o mesmo verdor esplendoroso.

Não tendo naus, nem templos, nem cidades,
Nestas terras uberrimas e imensas,
Tinha esse povo falsas divindades,
E assim, abandonado a estultas crenças,
E afrontas conservando na lembrança,
Deleitava-se no odio e na vingança.

Chega um dia, porém, um povo ousado,
Da Peninsula Iberica atirado.
Eram filhos do reino lusitano,
Que cruzavam as ondas do oceano,
Trazendo erguido o lábaro da cruz,
Ao pé do qual o gladio tremeluz.

Os selvagens, valentes e aguerridos,
Erguendo-se em colericos rugidos,
Ao embate tremendo,
Vêm, de todos os lados,
Mas em vão seus direitos defendendo,
São ao poder dos lusos subjugados.

Mais tarde, foi trazida estranha gente,
Gente sem luz, e negra como a noite,
Das terras onde o sol é mais ardente,
Para o ludibrio misero do açoite.

Da traição mais i[illegible]na inerme presa,
Sob o azorrague vil e deshumano,
Vinha trazer aos campos a riqueza,
Com seu esforço, o seu trabalho insano.

Eram filhos talvez da Libia adusta,
Do Egito, de Guiné, do Congo ardente,
— Raça humilde, mas válida e robusta;
Povo inculto, mas livre e independente.

E de dois povos nomados e bravos
Assim se fez uma nação de escravos!

A's duas raças que a desdita unia,
Num país humilhado, exhausto, opresso,
O evoluir dificílimo seria,
Moroso fôra um surto de progresso.

Ora sob o dominio lusitano,
Ora sob os prepostos de Castela,
Em cada dirigente ha o mesmo plano,
O mesmo despotismo se revela.

Em vão, pelo ideal da independencia,
Bekman a propria vida sacrifica,
E em Felipe dos Santos a inclemencia
Vinga-se ensanguentando Vila Rica.

Em vão queima Vieira as proprias terras,
E Henrique Dias luta mutilado:
Seu heroismo em tão sangrentas guerras
Fôra pela metropole olvidado.

Pelo mesmo ideal Abreu e Lima
Morre, de tantas vitimas ao lado,
E a pleiade de vates se dizima,
E Silva Xavier vê-se imolado.

Para haver, nesse meio heterogeneo,
Da liberdade bravos legionarios,
E em José Bonifacio haver um genio,
Tresentos anos foram necessarios.

Após esses tres seculos, um dia,
Quando desses tres povos já se havia
Geração forte e culta congregado,
O mundo estremeceu, pois era alçado
Braço augusto de alguem que ousado e forte,
Bradava ao povo:

"Independencia ou morte!"

*

Em torno ao luso trono eis que esvoaça
Um gemido funereo:
— Entre as velhas nações a nova raça
Erguia um novo imperio.

nas sabem estabelecer numa habitação, e o sr. Bernardino — o pai do moço, nela teria uma outra filha querida, em substituição das duas que, casadas, tinham deixado o lar paterno alguns anos antes.

O Sr. Bernardino era viuvo fazia treze anos, e cinco anos havia que suas duas filhas, a pequeno intervalo de uma á outra, se haviam retirado para os seus respectivos lares.

Mas, era feliz com a felicidade de seus filhos.

Alberto e Marieta compreendiam-se e uma afeição irresistivel, uma dessas afeições que vencem seculos e abrangem a eternidade, passou a dominar aquelas duas almas.

Pouco a pouco, logo após os primeiros entendimentos sobre o futuro enlace, foi a tranquilidade voltando á residencia e á modesta oficina do joven enamorado.

Somente uma nuvemzinha perturbava a limpidez do céu da sua felicidade: era a da falta daquela que fôra sua progenitora. Entristecia-se pensando que não assistiria á sua ventura aquela carinhosa mãe, desaparecida no sorvedouro do tumulo antes que ele completasse os seus oito anos de vida. Então, inexprimivel melancolia lhe ofuscava a meio o habitual contentamento.

Mas, o sr. Bernardino o consolava e Albertó voltava á sua jovialidade natural, sem se esquecer, entretanto, das feições maternas, nem dos desvelos de que o cercara, em seus primeiros anos, a boa creatura, que ele nunca mais poderia ver...

*

Tinham decorrido alguns mezes desde o dia em que o sr. Bernardino fôra pedir, para seu filho, a mão de Marieta.

Os pais da moça haviam aquiescido com prazer ao pedido, e aproximava-se o dia fixado para a realização do enlace.

Em Nova Aliança preparavam-se ruidosas festas para esse dia, esperado com impaciencia, pois, os dois jovens eram estimados por quantos os conheciam.

Mesmo o viajante estranho, que na ocasião ali chegasse, conheceria sem esforço que um grande acontecimento se ia dar naquele lugar.

AS TRES VIRTUDES

I

(A ANTONIO GABONI)

Quem já sentiu-se presa de desdita,
Curvando a fronte, humilde, acabrunhado;
Quem algures se viu, triste, isolado,
De acerba dôr tendo a alma circunscrita;

Quem a qualquer dos trechos da infinita
Escala do sofrer foi arrastado,
— O espectro da miseria tendo ao lado,
Ou da calunia ouvindo a infame grita;

Quem sente nalma a dôr extraordinaria
De ser incompreendido como um pária,
E esquecido como o ultimo galé;

Ah! grande Deus! são esses, certamente,
Quem mais amparo, mais conforto sente,
Sob a invencivel égide da Fé!

II

(A FRANKLIN FURTADO DE MENDONÇA)

Esperança é o seu nome, e é qual a flor
De entre cardos e abrolhos ascendida,
Ou oasís virente, nesta vida,
De um imenso deserto abrasador.

Envolve e anima o peito sofredor,
E, como irmã da Fé, da alma descrida
Bastos temores leva de vencida,
De novo enchendo-a de prazer e amor.

Da humanidade é meiga companheira,
Sempre envolta de luz, sempre fagueira,
Como um aroma do melhor dos mundos.

A amenizar, na terra, o sofrimento,
A Esperança nos traz um novo alento
Lá dos sidereos páramos profundos.

III

(A OTHON GOMES DA ROCHA)

Quem, em lugar de tetrica vingança,
Inspira-nos perdão á grande ofensa?
Quem, neste mundo, têm a força imensa
Que o mar bravio da desgraça amansa?

Quem leva ao criminoso uma esperança,
E derrama-lhe o balsamo da crença?
Quem consola o infeliz na magua intensa,
E paz e bençãos sem cessar lhe alcança?

Quem leva o pão á choça do mendigo,
E dos que sofrem é mentor e amigo,
E amparo da viuvez e da orfandade?

E' um anjo tutelar tão meigo e belo,
Que entre Deus e os humanos forma um elo,
E têm o augusto nome: Caridade!

15-10-1909.

NUM HOSPITAL

(Ao Dr. Aloysio Castro)

E' noite, e quantas vezes sinto a brisa,
Que vem tocar-me o rosto desolado,
Tantas outras essa aura se matiza
De um aroma sutíl longe libado.

E por entre os jardins, pelas janelas,
Que abertas sempre estão de par em par,
Vejo nesgas do mar, e vejo nelas
A argentea luz da lua se espraiar.

Ouvem-se ás vezes salvas de um navio,
E musica de infinda suavidade,
E ás vezes vem-nos mesmo um murmurio
Da trabalhosa vida da cidade.

E' calma a noite, e o mar está sereno,
Sob os longinquos sóes do azul do céu...
De Deus até parece que ao aceno
No espaço descerrou-se ignoto véu.

Lá fóra ha vida, ha luz, ha movimento,
E o riso franco, o riso da alegria,
Quando em volta de mim ha o sofrimento,
Nesta casa monótona, sombria...

E' triste ver, em plena mocidade,
Findar uma esperança, uma ilusão,
Depois de ver que o pranto da saudade
Tortura, envolve, mata um coração.

Não peço a Deus nem honras, nem riqueza,
Nem invejo a ninguem o poderio,
Mas desejava ver toda a grandeza
Desta terra e do mar calmo ou bravio.

Ver cidades, aldeias, campos, flores,
Varzeas, vales, montanhas — e sonhar,
Muito a sós, muitos sonhos sedutores,
Sob a fronde do cedro secular.

Eu quizera vagar, a sós, um dia,
Pelos campos, nos bosques, na esplanada,
E ouvir-lhes a dulcissima harmonia
Da garrida, da linda passarada...

A nostalgia, que minha alma invade,
Vive de eu não poder, mais livre, agir,
Como em minha primeira mocidade,
Quando ao longe sorria-me o porvir.

Não vejo, ha muito, os rios, e as montanhas,
Da terra onde nasci, e horas inteiras
Eu sonho as sensações, já quasi estranhas,
De percorrer colinas altaneiras.

E sonho ver as ondas marulhosas,
E quedar-me, pensando, á beira-mar,
E á noite, pelas praias silenciosas,
A' doce luz da lua versejar.

Mas desfazem-se todos os meus sonhos
Ao embate da dura realidade,
E desejos, e ideais, belos, risonhos,
Tudo se extingue em ondas de saudade.

Prejulgando o porvir pelo presente,
Olho em volta de mim, vendo, afinal,
Que o meu mundo cingiu-se, tristemente,
A's paredes e ao této do hospital (*).

Rio de Janeiro, Praia de Santa Luzia, 2-10-1904.

(*) Em 1904, Abel Gomes não era ainda espirita e tinha esperanças de curar-se da paralisia, havendo sido internado na Santa Casa, de onde se retirou, finalmente, desenganado.

I. G. B.

CREPUSCULO

(Ao Sr. desembargador CANCIO PRAZERES)

O silencio disperso na campina
Parece respeitar o sol cadente,
Monarca que pomposo se reclina
Sobre o dorso das serras do ocidente.

E vai, solenemente, tristemente,
Abandonando, aos poucos, a colina,
A luz que esse monarca aurifulgente
Inda esparge do ponto onde se inclina.

E a luz as trevas trazem de vencida!
— Hora em que a alma medita comovida,
Nem a alegram das aves os gorgeios.

Mais profundo o silencio, lento e lento
Vão dominando em nosso pensamento
Saudades, incertezas e receios...

ANDORINHAS

Andorinhas! Andorinhas!
Que inveja tenho de vós!
Se eu tivesse as vossas asas
Ficaria assim a sós?

Iria, num vôo ligeiro,
Alguem, longe, visitar:
Tanto sinto o isolamento,
Que iria, a voar, voar...

Sois ditosas, avesinhas!
Pudesse eu ser tão feliz,
Vendo assim, dessas alturas,
Da terra tanto matiz!...

Eu desejara os espaços
Percorrer, hoje, veloz...
Andorinhas! Andorinhas!
Que inveja tenho de vós!...

QUADRAS

Exuberante floria
Todo o prado multicor,
E mais aves, nesse dia,
Trinavam cantos de amor.

O sol fulgia, no espaço,
Como um reflexo de Deus,
Sem que uma nuvem um traço
Deixasse no azul dos céus.

Tudo era luz e sorria,
Num enlevo singular,
Tudo inspirando alegria,
Nos céus, na terra, no mar.

Mas depois o firmamento
Cobriu-se de denso véu,
Feia nuvem, lento e lento,
Desdobrando-se no céu.

E no horizonte se erguia
De outras nuvens multidão,
E a cada choque se ouvia
O ribombar do trovão.

Logo, pois, a natureza
De escuro se revestiu,
E da passada beleza
Tudo em breve sucumbiu.

O mesmo nos acontece,
Dos anos ao perpassar:
Muita esperança fenece,
Ao pranto dando lugar.

Na primavera da vida,
Tudo é belo e nos seduz,
Sempre a esperança querida
Nos inundando de luz.

E' nectar liquido impuro,
E cada espinho um flor,
E nos umbrais do futuro
Apenas lemos — Amor.

Ao vermos, porém, ligeira,
A juventude fugir,
De nuvens medonha esteira
Negreja o nosso porvir.

A SOLIDÃO

(A José Gomide)

De ramo em ramo, em mata estensa e grave,
Frondes a altivas regiões a alçar,
Sobre o cimo de qual altiva nave,
Um passarinho canta, a saltitar.

Mas apanha uma presa, e em vôo suave,
Já sem deixar ouvir a voz sem par,
Ao quente ninho se recolhe. E' uma ave
Que dos filhos implumes vai cuidar.

Meu pensamento é como o passarinho
Que vai, cuidoso, procurar o ninho,
Ao frio atroz da solidão fugindo:

O frio atroz da solidão sentindo,
Vôa em busca de um dia de bonança
No conchego fugaz de uma esperança.

A IMPRENSA

(A alguns jornalistas amigos do autor).

Era um homem de bem, um homem nobre, honrado,
Que escudava o porvir no alvor do seu passado.
Espirito de escol, alma cheia de amor,
O dever o chamara a terras estrangeiras,
Tendo ele em sua filha as crenças mais fagueiras
Que se podem nutrir no mundo enganador.

Vogou de mar em mar, e andou de terra em terra,
Mas sempre dentro dalma o grande amor encerra,
O amor á filha ausente, a afeição paternal,
E mais tarde, volvendo á sua patria amada,
Buscando essa afeição, a filha idolatrada,
Encontrou a infeliz em louca saturnal.

Assim João Guttenberg, o creador da Imprensa,
O genio empreendedor que uma afeição imensa,
Propria das almas sãs, de raros corações,
A' Imprensa consagrou durante toda a vida,
Deixando um dia, alfim, a patria extremecida,
De asas pandas voou ás etéreas regiões.

Mas se um dia esse heroi tornasse-nos possivel
Ve-lo animar o vulto, o bronze imperecivel
Que o seu nome conduz ás gentes do porvir,
Com a sua grande arte assim avassalada,
Em lagrimas de dôr, a face enregelada,
Veriamos a fria estatua se esvair.

E' que bem vezes a Imprensa
Foge á justiça e ao dever:
Por vezes o orgulho incensa,
Vendo a inocencia sofrer.

Frequentemente, a verdade,
Ela nega-a, sem pudor,
Como quem se persuade
De ensino novo a propôr.

Caracter empedernido,
E' muitas vezes em vão
Que um misero perseguido
Suplica-lhe proteção.

De injurias, não raro, cobre
Ao bemfeitor de um país,
Atirando a um homem nobre
Insultos baixos e vis.

Nas lisonjas mais soezes
Ela desce a se aviltar,
Caluniando por vezes
O proprio pudor dum lar.

Beija as mãos de Creso a Imprensa,
E a Job atira baldões...
— Tem muitas almas sem crença
O lôdo das ambições!

*

Mas a vós, vos concita a consciencia
Nesse insano labor do jornalismo,
A ter nele um asilo da ciencia,
Do dever, da verdade, do civismo.

Não deixeis triunfar a tirania
Sem o vosso protesto mais veemente,
E á lisonja, que cresce dia a dia,
Combatei com valor, constantemente.

Não negueis o concurso dedicado,
Para a gloria da patria brasileira,
A quantos cumprem seu dever sagrado
De Guttenberg á sombra da bandeira.

Da Imprensa séria na missão ingente,
Cooperai em salvar a sociedade,
Tendo sempre por lema, em vossa frente,
Deus, Paz, Dever, Justiça e Liberdade!

VERSOS A UM TRISTE

Toda a tua desdita é estar vasio
De um afeto, qualquer, teu coração,
Pois vives sempre a sós, exposto sempre
A' monotonia, á fria solidão.

Não vês, á tarde, quando o sol descamba,
A luz de um carinhoso, um doce olhar,
Nem á noite, na luz de uma janela,
De uma esperança o frouxo cintilar.

Um conforto não tens num peito amigo,
Nem tens jamais um alvo ao beijo ideal,
Que expira, á flor dos labios, qual o rócio
Que se extingue ao bafejo matinal.

Sentir um frio intenso dentro dalma
E' ter sempre tristonho o coração;
E' viver sem viver, continuamente
Abandonado á atroz desilusão.

Não cultives tão negros pensamentos,
E aos teus costumes muda a diretriz:
— Ama, e verás um mundo de esperanças;
Faze-te amar, e assim serás feliz.

CONTRASTE

Manhã de luz. O globo incandescente,
Que mil mundos conduz na imensidade,
Sobre os montes desponta, airosamente,
Qual reflexo da propria Divindade.

E ao ve-lo, em tanta luz e majestade,
Em pleno azul erguer-se no oriente,
Surge e se agita toda a humanidade
Que habita nestas plagas, diligente.

Mas um gemido agita o coração
Que á noite sonhou sonhos de ventura
E desperta na antiga solidão.

A clara luz do sol se lhe afigura
A arrancar-lhe esses sonhos de ilusão,
A envolve-lo em descrença prematura.

O AVARENTO...

I

Trabalhou, sem descanso, muitos anos,
Para a ingloria conquista da riqueza,
Sempre escravo da sordida avareza,
Sempre á custa de esforços sobrehumanos.

Esperanças e anhelos mais insanos,
Ninguem os possuia. Uma alma presa
Da sêde de ouro, e escrava da avareza,
Cobiçando o esplendor dos soberanos.

Mas, venceu afinal! Ouro e mais ouro,
Dia a dia aumentava-lhe o tesouro,
E palacios, e empresas mercantis.

E a turba, que vilmente se descobre,
Desde os tempos feudais, ao rico, ao nobre,
Dobrava ante ele a misera cerviz.

II

Incansavel, o tempo decorria.
Anos mais tarde é visto, o potentado,
Sob o peso dos anos alquebrado,
Vacilando de medo e covardia.

Treme de horror, sentindo perto o dia
No qual o seu tesouro idolatrado
Deve deixar, no mundo, abandonado,
Em trôco de uma lápide sombria.

E hoje os seus passos, tremulos, incertos,
Quem guia, nos interminos desertos
Do terreno destino sempre vario?

Tu não dás, avareza, tu, que fazes
Da velhice um deserto sem oasis,
Um amigo em lugar de um mercenario.

O JULGAMENTO

Dizem que, pelo espaço, um vulto escuro de homem,
Entre anjos bons e maus,
Sobre nuvens, no azul, que ao nosso olhar o somem,
Fazendo-lhe degraus,
Era um dia levado á porta imaculada
Do refugio dos bons, da celeste morada.

Como presa talvez de um desgosto profundo,
Ia triste e calado...
— Ah! quem teria sido aquela alma no mundo?
Um justo? Um celerado?
Um ludíbrio talvez das agruras da vida,
Para quem o prazer foi taça proibida?...

Bateu com mão febril, e a porta, mansamente,
Abriu-se e, pelo umbral,
Do porteiro foi visto o vulto resplendente,
Envolto em luz astral.
Era o apostolo Pedro, o celeste chaveiro,
Que vinha receber o triste forasteiro.

E Pedro aproximou-se, em aureola divina,
Feita talvez de um raio argenteo do luar,
E em tunica sutil, de alvura que fascina,
E faixa purpurina e azul a flutuar.

Ao ve-lo, estremeceu o homem recem-chegado,
E, temendo talvez um porvir de tormentas,
Num gemido de horror, de um ente acabrunhado,
Rojou-se pelo chão de nuvens pardacentas.

Mas o augusto porteiro, olhando-o, ternamente,
Naquele abatimento, em seu socorro sai,
Dizendo: "Filho meu! Não sejas tão descrente...
"Não mereces acaso a compaixão do Pai?!

"Que fizeste? Quem és? Alguns ou muitos crimes
"Enchem-te hoje de horror? Mas o arrependimento
"Conduz á salvação e tais erros redimes
"Se estavas já de amor e de perdão sedento.

"Assassino ou ladrão? Ou ateaste a guerra?
"Ou vestiste de oprobrio o lar do teu irmão?
"Ou tingiste de sangue, outrora, a tua terra,
"Num navio negreiro, em prol da escravidão?

"Fosses López, ou Nero, ou Rosas, ou Tiberio,
"Napoleão, Alexandre, ou Guilherme Segundo,
"Ou fosses Calabar, Côrtez, Joaquim Silverio...
— "Não foi tambem por ti que o Cristo foi ao mundo?"

II

A SARAIVADA

Era dessas tardes escuras, brumosas, em que sentimos inexplicavel opressão, tardes cheias de ameaças e de tristezas incompreendidas. Felizmente, são raras essas horas horriveis na zona do campo, em Minas Gerais (1).

Nuvens negras e ameaçadoras se enovelavam pelo espaço e, de um ponto longinquo do horizonte, do lado do poente, vinham uns sons demorados e cavos, semelhantes aos de uma artilharia distante, e que os écos reproduziam de montanha em montanha. Era prenuncio

(1) No Estado de Minas Gerais, chama-se — *zona do campo* — a uma grande extensão de terra, pouco montanhosa, porém alta, onde geralmente o clima é frio e saudavel.

quasi certo de formidavel tempestade de granizo.

Os trabalhadores se recolhiam do campo ás pressas; fechavam-se os estabelecimentos comerciais e os moradores do povoado regressavam a passos rapidos para as suas respectivas residencias. Nalgumas janelas surgiam bustos de senhoras, cujos olhares perscrutadores, dirigidos ás nuvens escuras e pesadas, denunciavam temor pela segurança de algum parente retardatario. Os proprios irracionais procuravam abrigo.

E os trovões reboavam cada vez mais proximos, e o vento soprava mais rijo, e a escuridão aumentava sempre.

Cerraram-se, afinal, as ultimas janelas do povoado. Na casa de Alberto e seu pai, onde pouco antes se faziam ouvir os ruidos do martelo e do malho sobre a possante bigorna, tornara-se completo o silencio. Na pequena sala de entrada, o joven artista, com a fronte ainda orvalhada pelo suor nobilitante do seu trabalho, estava só, a cismar, talvez, sobre o que estaria então fazendo Marieta, sua idolatrada noiva...

Uma forte rajada de vento sibilou pelos intersticios do tecto de telha vã e, em segui-

Ergue-se então o misero, e fitando
O antigo pescador, poz-se a falar:
"O meu passado é menos execrando,
"Nem tem os crimes vis
"De nenhum infeliz
"Que o seu perdão não possa inda esperar.

"Fiz erros não pequenos, é verdade,
"Mas de alguns eu já estava arrependido...
"E no posto em que um homem se persuade,
"Das honras no apogeu,
"Que o povo é servo seu,
"Quem erros não teria cometido?!

"Na posição, portanto, que era a minha,
"Quem crimes não perpetra? Quem não erra?
"Dos governos preposto,
"Conservava-me o posto.
— "Eu fui chefe politico na terra..."

*

Tais palavras ouvindo, o grande santo
Recuou, aterrado,
E, como quem esconde, a custo, o pranto,
Disse ao recem-chegado:

"Na facção dos governos militando,
"Com sêde de poder, de ouro, de mando,
"Foste um grande infeliz!
"Fazendo do odio — lodaçal profundo —
"Flagelo de um país!

"Fizeste guerra ao merito, ao valor,
"E elevaste homens crús e sem pudor,
"De entre as turbas ignavas,
"E com homens sem crença e sem criterio,
"Num ambiente rubro e deleterio,
"Teu cargo alicerçavas...

"Com dinheiro do povo, ao proprio povo
"Impuzeste uma lei, ensino novo,
"Do medo e da opressão,
"Do direito fazendo uma utopia,
"E um escravo formando, cada dia,
"De cada cidadão!

"Desleal e perjuro a teus irmãos,
"Em vinganças pendia-te das mãos
"A policia assassina,
"Inimiga feroz da liberdade,
"Que massacra os direitos e a verdade
"A sabre e á carabina!

"Entre os prepostos de hostes governistas
"Sem ideais e sem amor, conquistas
"O teu lugar de réu!
"Para tais réus, horror da humanidade,
"Declaro, com tristeza, que em verdade
"Não ha lugar no céu!..."

*

E nos gonzos de ferro a porta, então rangendo,
Vedou a entrada ao triste, ao misero proscrito,
E um silencio de morte, um silencio tremendo,
Estendeu-se por sobre as plagas do infinito.

SONETOS

I

(Na primeira pagina do album da senhorita LUZIA DE AGUIAR FILHA — "Pequena" — diretora do grupo escolar local.

Abrindo este album, serve a minha pena
A' professora que honra o magisterio
E é "Pequena" no nome, e não pequena
No valor, na estatura e no criterio.

Ei-los, portanto, os versos meus, e é pena,
Em caso assim tão grave, assim tão serio,
Não produzir poesia mais amena
Quem já não vê na lira um refrigerio.

Num desejo, porém, o autor se exulta:
— De todo este album, grácil e faceto,
Que esta pagina seja a mais inculta.

Arranquem-na depois, se necessario,
Vendo que se envergonha o meu soneto
De ser chave de escrinio literario.

II

(Na primeira pagina do album da professora senhorita LAURA ANTUNES).

No convite a iniciar este album de poesias
Repousa a explicação de porque eu me intrometo
A extrair do arsenal de minhas fantasias
Este pobre trabalho, este incolor soneto.

Que seja o mais banal de quantas fantasias
Almas pandas de afeto, em estilo faceto,
Ou vôos de condor, raros em nossos dias,
Gravem no album gentil que eu hoje lhes remeto.

E assim tenha o leitor, nas folhas subsequentes,
Filigranas sem fim, idealismo em torrentes,
De quanto é grande, e nobre, e belo, a emanação.

E esses pedaços dalma, em lidima aliança,
Possam levar alfim, num fluido de esperança,
Um sôpro de ventura a cada coração.

III

(Ao ilustre e venerando poeta Sr. PADRE CORREIA DE ALMEIDA).

"Os oitenta e quatro anos que numero
"Perfazem muita e muita bagatela,
"Que somada, parcela por parcela,
"E pondo os noves fóra, dá um zéro.
...
"Faltam-me vista e ouvido, e com certeza..."

Mestre, enganais-vos crendo-vos vencido
Por oitenta e quatro anos — bela idade!
E engana-se tambem quem vos persuade
Que vão fazer-vos falta vista e ouvido.

Mas perdoai-me a ousadia em que hoje incido
De assim dizer-vos, mesmo á puridade,
Que estais em êrro. Tanto á humanidade,
Em todo tempo, o engano vive adido...

Mont'Alverne foi cégo e o foi Castilho,
E um foi mestre entre os mestres e, com brilho,
Pregou o outro as belezas do Evangelho.

Edison é surdo, e o seu saber profundo
Tambem prova que o genio, sobre o mundo,
Por mais que viva e sofra, não é velho.

IV

Aos que elogiaram os meus versos

De outrora, o mestre ilustre e amado da poesia,
Quando disse que o verso é feito de talento,
Um êrro nos legou, que o perpassar, tão lento,
Dos seculos nos trouxe a ser o nosso guia.

De Quinto Horacio Flaco a velha teoria,
A pratica a repele em um exame atento,
Pois em métrica e em rima, o nosso pensamento,
Sem outra inspiração, nenhum valor teria.

Não é o talento, pois, quem induz ou convida
A saudar o prazer ou suavisar a dôr
Entre os sonhos de um poema encontrando acolhida.

Não faz versos o sabio, e sim o possuidor
De uma alma a quem o ideal encaminha na vida,
Em um coração que vibra a transbordar de amor.

V

"Se é sempre o mesmo engôdo e falso enleio,
"Se o homem chora e continúa escravo,
"De que foi que Jesus salvar nos veiu?!

(TOBIAS BARRETO).

Ante a dúvida atroz que a mente lhes invade,
Só se abatem, tremendo, os miseros ateus,
Mas é sempre feliz, ao brilho da verdade,
O pensamento humano elevado até Deus.

Se ao povo quiz crear terrena liberdade,
Tal [illegible]ito contendo ensinamentos seus,
Porq[illegible] não combateu Jesus contra a humildade,
Nem o mando negou aos fôfos corifeus?

Não! O filho de Deus, o grande Nazareno,
Que entre dôres orava, impávido, sereno,
Teve missão maior, mais alta, mais sublime:

Lutou, sofreu, morreu, o Célico Cordeiro,
Afim de combater um outro cativeiro,
O que nos doura o mal e atrai-nos para o crime.

FIM

Ismael Gomes Braga

GUIA DE CONVERSAÇÃO PORTUGUÊS-ESPERANTO

é o livro que todo o estudante deve trazer consigo.

Preço: - Br. 4$000

Reembolso

Facilita o intercambio entre vendedores e clientes. — Por meio de um simples cartão postal, contendo a relação das obras, medicamentos e mercadorias que pretende adquirir, recebe o cliente, pelo Serviço Postal de Reembolso, a encomenda, pagando-a no ato de retira-la da agencia, depois de conferidas as notas que acompanham os pacotes. Só ás agencias postais que emitem vales é permitido este serviço.

Ismael Gomes Braga

Esperanto Sem Mestre

Este livro é o primeiro passo da Federação Espirita Brasileira com a esperança de ver em futuro proximo as obras espiritas da Terra de Santa Cruz produzirem beneficios nos paises onde nosso idioma nacional é pouco conhecido ou totalmente desconhecido. Se bem recebido êste manual, providenciaremos a venda de obras completas, de edições proprias ou alheias, de sorte a prepararmos um numero de conhecedores do Esperanto entre os nossos confrades, e consequentemente, bons tradutores de obras espiritas em Esperanto, a lingua internacional já consagrada pelo uso de meio século.

Ismael Gomes Braga

O nome do autor como linguista é bem conhecido do público espirita brasileiro, pois que são numerosas as obras que já traduziu do alemão, do inglês, do francês, do italiano, do espanhol e do Esperanto, e publicou em *Reformador, Revista Espirita do Brasil, Revista Internacional do Espiritismo* e outros jornais. Simultaneamente com êste curso elementar de *Esperanto sem Mestre*, o mesmo autor publicou sua tradução anotada de uma tése de imenso valor, de autoria do Dr. L. L. ZAMENHOF, sôbre o tema "Essência e futuro da idéia de uma lingua internacional", cuja leitura atenta recomendamos aos nossos amigos; e um livro de estudos doutrinarios, — escrito todo em Esperanto, — cuja leitura esperamos agradará aos nossos confrades que já saibam a lingua internacional.

Confiamos que esta primeira tentativa de editar livros em Esperanto encontre o apoio dos nossos confrades e justifique empreendimentos mais ousados, como seria a publicação das obras doutrinarias já consagradas de autores brasileiros e estrangeiros.

Brochura 4$000.

IMPRESSO NAS OFICINAS DO "REFORMADOR"

ABEL GOMES

A FELICIDADE

1940

da, outra mais violenta, e mais outra, esgalhando arvores, vergando arbustos, levantando nuvens de pó e de folhas, espalhando o terror. Logo começou a descer medonha saraivada, a principio, sem chuva propriamente dita; porém, alguns minutos depois, acompanhada de forte aguaceiro. Era a "chuva de pedras", com todos os seus horrores e maleficios.

Partiam-se os vidros das janelas, quebravam-se com estrondo as telhas das casas e as pedras e as aguas tudo invadiam, levando a depredação a todos os lares, aos pomares, ás plantações.

•

Algumas horas mais tarde, a lua, surgindo limpida e impassivel, iluminava um cenario desolador. Os predios descobertos e alagados, com as paredes danificadas, as vidraças em estilhaços, já não ofereciam abrigo ás familias, que vagavam em grupos pelas ruas e pela unica praça do lugar, procurando em vão um refugio. Senhoras e crianças, algumas daquelas ainda com as vestes molhadas e sujas, derramavam lagrimas. Em varios pontos, formavam-se grupos de homens, que retiravam

pessoas feridas de sob os escombros de predios mais ou menos derruidos.

Um desses grupos, tendo arrancado dos caixilhos uma porta, sobre ela conduzia, á guisa de padiola, o corpo inanimado de um moço que fôra retirado de uma das casas que a tempestade mais escangalhara.

Tinha o rapaz uma contusão na cabeça e perdera muito sangue. Suas roupas estavam grudadas ao corpo, encharcadas e sujas; os cabelos negros lhe pendiam, desgrenhados e sujos tambem de terra e caliça. Suas mãos, crispadas num grande esforço, apertavam pedaços de madeira e fragmentos de rebôco.

Passados uns minutos, o ferido, ainda sem sentidos, era colocado, já com vestes enxutas, numa cama armada em um quarto onde improvisaram uma cobertura de taboas, e aí recebia os primeiros curativos.

Tratado com carinhoso desvelo, tendo o medico e o farmaceutico do lugar constantemente á sua cabeceira, o moço começou, horas depois, a dar sinais de vida. Manifestara-se, porém, intensa febre. Proferia frases entrecortadas e palavras sem nexo, que acabrunhavam as pessoas presentes. Por entre essas